

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LAÍS CROZERA TORRES

DANÇAS URBANAS NO BRASIL: RELATOS DE UMA HISTÓRIA

BAURU

2015

LAÍS CROZERA TORRES

DANÇAS URBANAS NO BRASIL: RELATOS DE UMA HISTÓRIA

Monografia apresentada como pré-requisito de Avaliação referente à Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, sob a Orientação da Prof^a. Dr^a. Andresa de Souza Ugaya, na Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Bauru.

BAURU

2015

Para meu querido vózinho, Élio (in memoriam).

Meu anjo da guarda.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais por sempre pagarem minhas viagens e figurinos caros, desde que eu era criança. Nos momentos mais difíceis de nossas vidas, nunca deixaram de me ajudar a continuar meu sonho que sempre foi de dançar. Mesmo com a incerteza, nunca me impediram de fazer o que eu amo, às vezes tentam... Mas sabem que é minha grande paixão!

Deixo meu agradecimento especial para minha vó Nice que sempre esteve ao meu lado, por me mimar e me apoiar em todos os meus sonhos, mesmo que absurdos.

Agradeço imensamente aos entrevistados dessa pesquisa: Frank, Jaspion, Ivo e Henrique. Muitíssimo obrigado por me ajudarem, por disponibilizarem um pouquinho da correria que é a vida de vocês, pela atenção e por todo o conhecimento que compartilharam comigo dando origem a essa pesquisa. Sou eternamente grata pela confiança de vocês.

Meus amigos da faculdade que vou levar para vida inteira: Chinelada, meus queridos Ash, Juma, Ray, Kakaroto, Spiga e Gabi, como foi bom ter conhecido vocês! Meus amigos que estão ali em todos os momentos e principalmente na hora da risada. Que a nossa amizade perdure por toda a vida! Obrigada por terem me aturado por todos esses anos, por terem compartilhado comigo o melhor que há em vocês. Sou muito grata por me aceitarem e saberem lidar com as diferenças que temos. Foram os melhores anjos que poderia ter escolhido para minha vida universitária.

Quero agradecer eternamente minha orientadora, Prof^a Dr^a Andresa de Souza Ugaya, sei que não foi nada fácil. Levei vários puxões de orelha, mas tinha certeza que com ela meu trabalho ficaria espetacular, não poderia ter escolhido pessoa melhor para me orientar. Obrigada por todas as ajudas, por todo o trabalho e por sempre me receber carinhosamente. Desculpa por todos os prazos perdidos, pelas correrias e os conteúdos escassos que apresentava.

Mariana e Isabela, obrigada por estarem sempre comigo, não importa a distância, a nossa amizade sempre permanecerá a mesma. Obrigada por me aguentarem a tantos anos, e que nossa amizade só cresça com o passar dos tempos.

Gostaria de agradecer muito ao meu professor Chorão. Obrigada por acreditar no meu talento, por incentivar minha dança e ao mesmo tempo estar do meu lado como amigo. Agradeço por sempre se lembrar de mim e não importa a situação, me incluir nos seus planos e viagens.

Agradeço a Fran, por acreditar na minha dança e me deixar fazer parte do Sheng há tanto tempo, que sua experiência possa continuar me incentivando a querer sempre mais.

Carol, minha primeira professora de dança. A pessoa que me criou como dançarina, que me ajudou, que chorou comigo, que me incentivou mais do que qualquer pessoa. Você é uma pessoa que eu jamais vou esquecer, sua importância tem um valor enorme na minha vida. Por sua causa eu danço, por sua causa fiz faculdade de educação física e por sua causa sou dançarina até hoje. Obrigada por tudo!

Agradeço a Prof^a Dr^a Luciene Ferreira que com seu carisma e enorme coração me acolheu, me ajudou e sempre se preocupou quando alguma coisa não estava certa, principalmente nos meus momentos de stress.

E por último e não menos importante, na verdade, o mais importante de todos, queria agradecer ao meu bem, Fernando, que nem por um segundo saiu do meu lado, que nunca me deixou fraquejar, desistir ou esquecer aquilo que sempre sonhei. Obrigada por tudo que fez e continua fazendo por mim. Obrigada por me apoiar, por me lembrar todos os dias que a dança é meu maior sonho e que tenho que lutar por ele. Obrigada por aguentar meus momentos de raiva, de desespero e estresse. A você só tenho a agradecer.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa faz um breve histórico das danças urbanas no Brasil, como elas chegaram e como tiveram sua popularização, além de discutir a questão da nomenclatura existente hoje em dia: *street dance*, dança de rua ou danças urbanas. Como referencial bibliográfico foi feito um estudo acerca da história dessas danças em seu contexto internacional, seus criadores e todos os elementos que formam a cultura *Hip Hop*: *break*, *grafitte*, *MC* e *DJ*. A metodologia de pesquisa se caracteriza como qualitativa, em que visa a busca por informações para que possam ser estudadas e aprofundadas, e o método de abordagem utilizado foi a história oral, onde resgata e valoriza a memória do homem. Como instrumento de coleta de dados, foram feitas entrevistas. Elaborou-se um roteiro com questões semiestruturadas para que os entrevistados pudessem discorrer livremente sobre o tema. A análise dos dados foi feita através da técnica de Bardin (2009). Os participantes dessa pesquisa são referência na área e foram escolhidos por estudarem sobre as danças urbanas e cultura *Hip Hop*. Durante a discussão os entrevistados contam como começaram a dançar e que seus primeiros contatos com as danças urbanas foram através de filmes e vídeos-clipes que chegaram ao Brasil na década de oitenta. Este trabalho teve como objetivo a busca pela história das danças urbanas no Brasil, como elas chegaram, quem as trouxeram e como se popularizaram. E se justifica devido ao fato de existirem poucos estudos de caráter científico que aborde a temática. Chego ao final desta investigação entendendo que a história possui muitos lados, muitos nomes, e que o começo das danças urbanas no Brasil ocorreu em vários lugares simultaneamente, por influência dos filmes que promoveram os estilos que aqui chegavam na década de oitenta.

Palavras-chave: Dança. Cultura *Hip Hop*. História.

ABSTRACT

This research is a short article about urban dances in Brazil, about how did it came and became popular here, and also it will discuss about the different nomenclatures that exists nowadays: street dance, dances from street or urban dances. As a bibliographic reference, a research was made about the history of those dances in an international context, the creators and all the elements that consists the Hip hop culture: Break dance, grafitte, MC and DJ. The research methodology is characterized as a qualitative, it search for information that can be deeply studded, and the method used was history telling, which prize and brings up the man memory of the facts. The interview was also used as a tool in a previously elaborated script with open questions, so the interviewees could answer their own way and talk as much as they need about the issue. The analyze was made using the Bardin (2009) method. The interviewees are very important at the Hip Hop scenario because their lives were dedicated to the research about urban dances and the Hip Hop culture. During the interview they told how they started to dance and that their first contact with urban dances was made by watching movies that came to Brazil in the eighties. Michael Jackson has also contributed to spread this urban dances at that time with his videos. The main goal of this research is to tell the history of the urban dances, how did they got here, who brought it and how it has spread in Brazil. It justify itself during the fact that exists just a few researches in a scientific way that study this issue, thus the history importance that this contents is to the urban dances in Brazil. My conclusion of this article is that the history has many different ways, a lot of names, and that the urban dances in Brazil has began in many different places at the same time, by films influence that has promoted the styles that had came here in the eighties.

Keywords: Dance. Hip Hop culture. History.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Referencial teórico.....	11
1.1 As origens da cultura Hip Hop.....	11
1.2 As danças da cultura Hip Hop.....	14
1.3 O fenômeno.....	17
2. Metodologia.....	22
3. Resultados e discussão.....	25
3.1 Os primeiros contatos com a dança.....	25
3.2 A história das danças urbanas no Brasil.....	27
3.3 A popularização.....	30
3.4 Street dance, dança de rua ou danças urbanas?.....	32
3.5 A história de cada estilo.....	37
Considerações finais.....	41
Referências.....	43
Apêndice.....	46

Introdução

Minha história na dança começou quando decidi fazer *street dance*. A partir daí desenvolvi um amor tão grande que não poderia ficar dançando somente na escola. Eu queria mais. Pois então, morando em prédio, conhecia todas as crianças e com aproximadamente 11 anos eu decidi que queria dar aulas de dança para esses amigos. Todos os dias tinham ensaios no período da tarde. Descia com meu radinho, colocava as músicas gravadas em *CD* e passava o dia inteiro montando coreografias. Organizei um festival de coreografias montadas por mim, com público para assistir, decoração e figurinos. A cada dia que eu dançava, esse amor crescia. Consegui entrar nos grupos avançados ainda criança. Minha professora me deu a oportunidade de viajar, conhecer festivais e aprimorar minha dança. Com o passar dos anos minha vontade de dançar ultrapassava os limites de qualquer hobby, e quando chegou minha vez de escolher o que faria da vida, enchia o peito para dizer que iria dançar. A partir daí, decidi que educação física seria o meu futuro, e cá estou terminando uma etapa do futuro que escolhi com todo amor. A dança ainda é minha enorme paixão e acredito que isso não vá mudar tão cedo.

Foi difícil conseguir me dedicar à dança, trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Em muitos momentos tive que escolher, e a dança, nem sempre estava nessas escolhas. Como foi difícil chegar até aqui. Mas não vou desistir, nunca estive tão perto do meu grande sonho. Por isso desenvolvi esse trabalho, que contém todo o meu amor pela dança, que resulta da minha curiosidade em saber e pesquisar cada vez mais sobre este conhecimento.

O objetivo de ter realizado essa pesquisa foi o de descobrir a história das danças urbanas no Brasil; quem são as pessoas que as trouxeram; o que os entrevistados puderam colaborar com a história; além da contribuição que poderia dar a todos os dançarinos que possuíam as mesmas dúvidas que eu tinha acerca dessa história. Acrescento que hoje em dia o material encontrado sobre o tema é muito escasso,

comparado ao tamanho e importância da história das danças urbanas. Atualmente, é difícil encontrar conteúdos científicos que abordem o tema dessa pesquisa. Para isso, justifica-se a importância deste trabalho difundir um conhecimento que ainda é pouco discutido e refletido no Brasil, onde a maioria das pessoas não conhece a história do que estão dançando, pois, muitas vezes tal conhecimento não é reconhecido com algo importante.

Para esta pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, que visa a busca de informações para que depois possam ser compreendidas e aprofundadas, e o método de história oral, em que visa valorizar e resgatar a memória do homem. Como instrumento de pesquisa foram feitas entrevistas, com um roteiro de perguntas elaborado anteriormente e que continham perguntas abertas, deixando o entrevistado livre para contar seus conhecimentos e experiências. A discussão e análise dos dados foram feitas através da técnica de Bardin (2009) de acordo com as respostas dos entrevistados, onde pude perceber que seguiam uma mesma linha de pensamento, portanto muitas vezes os dados são de comum acordo entre eles. Organizei as respostas em tópicos de acordo com as questões que foram feitas a eles.

Ao realizar as entrevistas, pude conhecer pessoas que possuem o mesmo amor pela dança que sempre tive e, que desde crianças, também sabiam o que queriam fazer pelo resto de suas vidas. Sinto-me honrada em ter entrevistado pessoas que são referência na área das danças urbanas, bem como, em apresentar um trabalho que me torna uma estudiosa, uma professora e uma dançarina melhor, além de contribuir para o mundo das danças urbanas que hoje se encontra muito defasado devido aos poucos estudos aprofundados.

Concluo este trabalho com muita satisfação em apresentar conteúdos que são pouco discutidos em trabalhos científicos e espero poder contribuir para que a história das danças urbanas seja cada dia mais estudada, e que seus conhecimentos estejam sempre à disposição de pessoas que busquem conhecer fatos acerca dessa história.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 As Origens da Cultura *Hip Hop*

Nas décadas de 30 e 40, grande parte da população negra americana se mudava das fazendas do sul para os grandes centros urbanos do Norte dos Estados Unidos, trazendo com eles o *blues*, um estilo de música, tradicionalmente, rural e negro. Com as ressignificações ocorridas com o *blues*, surge o *rhythm and blues*. Este passou a ser tocado em todas as rádios e entrou para o gosto não somente de negros, mas também de jovens brancos, em uma época em que se presenciava uma grande separação racial. Da união do *rhythm and blues*, por um lado a música dita profana, vinculada a tradições não religiosas, por outro a música gospel, surge o *soul*, estilo musical que visava recuperar a autenticidade da música negra (ALVES, 2011; VALDERRAMAS, 2008)

Os nomes principais para o desenvolvimento do soul, em seus primeiros anos, foram cantores como *James Brown*, *Ray Charles* e *Sam Cooke*, que usavam gestos e frases típicas de pastores protestantes em suas apresentações (VIANNA, 1987). O *soul* tinha um grande valor revolucionário por conta de suas letras, pois na década de 60, ocorria um movimento negro baseado nas ideias de *Mao Tsé Tung*. Tal movimento ficou conhecido como *Black Panthers*, e o mesmo tinha como princípio a defesa do poder negro (*Black Power*) livre de decisões de influência branca (VALDERRAMAS, 2008).

Vianna (1987) explica que o *soul* não durou muito tempo com esse poder revolucionário. Em 1968 havia se tornado uma *black music*¹, sendo tratada por muitos

¹ *black music* é um termo dado a todo um grupo de gêneros musicais que emergiram ou foram influenciados pela cultura de descendentes africanos em países colonizados por um sistema agrícola baseado na mão de obra escrava. Os gêneros principais incluem Jazz, Blues, Soul, rock and roll, e, mais recentemente, Rap e Hip-Hop. Fonte: Wikipedia.com.br, acesso em 22/03/2015

como um rótulo comercial. Guedes (2007) complementa dizendo que o *soul* serviu como instrumento importante para o movimento de direitos civis da época, mas no fim da década de 60 perde sua força política e revolucionária, tornando-se um termo vago.

Nos anos 60, de acordo com Colombero (2011), surge a música *funk*, e um dos principais nomes da época foi *James Brown*. Esse estilo musical fugia do contexto religioso e falava de sexo, dança e festas. Com caráter mais animado e dançante, tornou-se um estilo de se vestir, andar, cantar e dançar que se tornou revolucionário e de orgulho negro naquela época. Para Vianna (1987, p. 45) “tudo pode ser *funk*: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música”.

Ao contrário do *soul*, o *funk* inovava ao empregar ritmos mais marcados (“pesados”) e arranjos mais agressivos, ou seja, radicalizava as propostas iniciais do *soul*. Dessa forma, o *funk* agradava aos ouvidos de negros e brancos e por isso logo entrou em um processo de comercialização (GUEDES, 2007, p. 38).

A era *funk*, que depois começou a ser facilmente comercializada, abriu espaço para a explosão das músicas *disco*, que vai tomar conta da *black music* norte-americana e das pistas de dança de todo o mundo por volta dos anos 77-78 (VIANNA, 1987).

O jamaicano *DJ Kool Herc* chegou em Nova Iorque no final da década de 1960 levando consigo a cultura das *disco-móviles*², uma espécie de carro de som. Já em 1969, *Kool Herc* começou a promover nas ruas do *Bronx* as primeiras *Block Parties*³ (festas de quarteirão) reunindo a juventude negra e latina em torno da arte, da música e da dança (ALVES, 2004; NASCIMENTO, 2010).

Segundo Casseano, Rocha e Domenich (2001, p. 127):

² Uma espécie de carro de som que era utilizado nas festas de rua. (ALVES, 2004)

³ As famosas festas de quarteirão. (ALVES, 2004)

Herc era imigrante jamaicano e de lá trouxe, além dos *sound-systems*, o modo de expressão verbal dos *toasters* da Jamaica – as saudações aos que chegavam à pista de dança em ritmo entrecortado –, que seria o prenúncio da ideia do *MC*. Herc observava que as partes instrumentais, os chamados *breaks* das músicas, agradavam aos frequentadores das festas. Também descobriu que com dois toca-discos funcionando ao mesmo tempo e dois discos de vinil iguais podia tocar com a ajuda de um *mixer* o mesmo *break* sem parar, regulando a sincronia sonora.

Grandmaster Flash, que foi um dos seguidores de *Kool Herc*, criou o *scratch* que se caracteriza pela utilização da agulha do toca-discos arranhando o vinil em sentido anti-horário (VIANNA, 1987).

O *rhythm and poetry (rap)*, conhecido como o canto falado, foi trazido por *Kool Herc* juntamente com as *disco-móviles*, e tinha como objetivo denunciar problemas sociais em um discurso que promovia a conscientização. O *grafitte* são demarcações feitas nos muros. Chamadas de *tags*, antes eram apenas os nomes ou assinaturas para demarcar um território, depois foi expandido e se tornou uma arte reflexiva e de expressão. “Por meio desse tipo de produção, os grafiteiros – como são chamados – buscam expressar nos muros e espaços de grande circulação de automóveis e de pessoas, imagens do mundo vivenciado por eles” (BALLALAI, 2009, p. 16). O *disc-jockey (DJ)* é o que faz as batidas para o mestre de cerimônias (*MC*) cantar, e tem como principal instrumento, o toca-discos (COSTA, 2005; FELIX, 2005; NEVES, 2004).

Neves (2004) reforça que os *DJs* pegam uma música já gravada e a reformulam para o agrado de seu público; acelerando, desacelerando, pausando, assim, reconstruindo o fundo musical com o uso de técnicas como a mistura e o *scratching*.

O *break* é a dança que surgiu juntamente com os outros elementos, através das festas de quarteirão (*block parties*). Ela se caracterizava por movimentos acrobáticos e que eram desenvolvidos na quebra (*break*) da música (NEVES, 2004).

Com a grande violência causada pelas gangues do *Bronx*, o *DJ Afrika Bambaattaa* propôs uma união dos quatro elementos que formam a cultura *Hip Hop*, são eles: o *grafitte*, *MC*, *DJ* e o *break*. A ideia era que as gangs resolvessem suas diferenças através da dança e dos outros elementos promovendo uma batalha não violenta por meio da arte (ALVES, 2004).

O movimento se ampliou com a criação da *Zulu Nation* de *Afrika Bambaattaa*, que se tornou a maior organização do movimento *Hip Hop* do mundo (VALDERRAMAS, 2008; CASSEANO, ROCHA e DOMENICH, 2001).

Para Fochi (2007) a *Zulu Nation* pode ser considerada a primeira organização não governamental que tem ligação com a cultura *Hip Hop*, pois através da dança, música e pintura promovia a paz entre as gangues, diminuindo os níveis de violência nos bairros, além de funcionar como elemento de promoção de tal cultura.

Afrikaa Bambaatta em Felix (2008, p. 68):

Tinha um pouco de violência, mas a gente sempre tentou resolver os problemas e através da *Universal Zulu Nation* colocamos os quatro elementos da cultura juntos os dançarinos, os rappers, os DJs e MCs e os grafiteiros. Por volta do fim dos anos 70 eu estava tentando equilibrar a coisa toda para unificar o povo e resolvi adicionar um novo elemento: a sabedoria.

Afrika Bambaattaa também foi o responsável por unir os termos *Hip* e *Hop*, que vem dos verbos em inglês *to hip* que quer dizer movimentar os quadris, e *to hop* que é saltar, e o termo foi nomeado em 1968 para denominar os encontros entre Djs e Mcs (CASSEANO, ROCHA E DOMENICH, 2001).

1.2 As Danças da Cultura *Hip Hop*

Nesta parte do trabalho trago uma breve revisão de algumas das danças que compõem o universo da cultura *Hip Hop*, onde foram criadas, quando surgiram e quais os movimentos característicos de cada estilo.

Um dos primeiros estilos a surgir foi o *locking*, criado por Dom Campbell no final dos anos 60, e se caracterizava pelo estilo *funk* da época. O dançarino conhecido como *locker* interage com o público sorrindo, apontando os dedos (*point*) e batendo palmas (*claps*) (VALDERRAMAS, HUNGER, 2007; COLOMBERO, 2011). Foi popularizado

através do *The Lockers*, grupo pioneiro que era dirigido por Dom Campbell em programas de TV (MARCHIORO e LIMA, 2012). O *locking* é caracterizado pelo *lock* que configura uma pausa repentina nos movimentos.

Outro estilo de dança da cultura *Hip Hop* é o *break*, que foi criado nas ruas do *Bronx* em Nova Iorque, através das festas de quarteirão chamadas também de *block parties*. Colombero (2011) explica:

Os jovens da cidade do *Bronx* perceberam que jovens do *Brooklyn*, apesar de fazerem a mesma dança, utilizavam passos diferentes, chamados *up rock*, que era a soma de movimentos de ataque e defesa simultâneos feitos por mais de um dançarino. Começaram então a introduzir movimentos de luta nos quais eram possíveis rolar pelo solo e tomar uma postura em pé novamente. Assim o *top rock* inspirou a criação do *foot work* (trabalho com os pés), caracterizados por movimentos circulares feitos com apoio das mãos e dos os pés ao mesmo tempo, acompanhados pelo ritmo da música (COLOMBERO, 2011, p.3).

O DJ *Kool Herc* começou a chamar os dançarinos de *break* de *b.boys*, que era uma abreviação do termo *break boy*, pois os mesmos dançavam no *break* da música (NASCIMENTO, 2010).

Vianna (1987) explica que quase todas as esquinas eram palco para as acrobacias de vários grupos de *break* que dançavam ao som de rádios enormes chamados de *Ghetto Blasters*. Os *breakers* logo foram convidados para se apresentar nos clubes mais famosos da cidade, popularizando ainda mais aquele estilo que estava surgindo.

Já o estilo *popping* foi originado no final da década de 70 com a evolução dos aparelhos musicais e a utilização das batidas eletrônicas. Com isso, *Boogaloo Sam*, que antes pertencia a um grupo de *locking*, começou a dançar de um jeito diferente criando seu próprio estilo, o que veio a ser chamado de *popping* (COLOMBERO, 2001).

(...) com a música mais cadenciada e a caixa mais evidente, toda vez que Boogaloo contraía seus músculos ao realizar suas performances dizia pop, pop

para dar a noção de explosão como uma pipoca, passando o grupo a chamar-se *Electric Boogaloo* (COLOMBERO, 2011, p. 5).

Marchioro e Lima (2012, p. 3) explicam que o *popping* “é baseado na técnica de rápida contração e relaxamento dos músculos para causar um empurrão no corpo do dançarino, referido como *pop* ou *hit*. Cada *hit* deve ser sincronizado com o tempo e as batidas da música”.

Outro estilo criado por *Boogaloo Sam*, na mesma época, foi o *boogaloo* que se caracteriza por movimentos circulares do quadril (VALDERRAMAS E HUNGER, 2007).

Com a expansão das diferentes danças da cultura *Hip Hop*, o vocabulário dos dançarinos foi aumentando, e a procura por novos passos era cada vez maior. A música também evoluiu em paralelo com a dança, e com batidas bem marcadas surgiu outro estilo: o *hip hop freestyle*. Com influência de outros estilos e danças, o dançarino tinha uma liberdade maior de improviso e de criação (COLOMBERO, 2011; VALDERRAMAS E HUNGER, 2007).

O estilo *waacking* surgiu nos *clubs gays* nos anos 70, mas é considerado uma dança nova por conta de seus estudos e divulgação acontecerem somente nos últimos anos. Possui influência do jazz, como por exemplo, a angulação de braços. Foi criada com os dançarinos que satirizavam os movimentos do *locking* e acabaram desenvolvendo um novo estilo. É dançado com a música *disco* e/ou música *funk* (COLOMBERO, 2011).

A autora também explica que o estilo *house* foi criado dentro dos *clubs*, também na década de 70, e que não existe um único criador. As pessoas dançavam cada uma do seu jeito, e assim os passos e improvisos foram criados a partir daquele novo estilo, um aprendia com o outro os novos passos que foram sendo incorporados ao estilo.

A história dos estilos citados acima muitas vezes se mistura, pois naquela época tudo foi surgindo em paralelo em diversos lugares dos Estados Unidos, portanto é difícil pontuar exatamente quando, onde e quem criou esses estilos e seus passos, os que

serviram de base para a estrutura dessas danças. A cultura é dinâmica e possui muitos fatos ligados a história. Não conseguimos identificar uma ordem exata do surgimento dos diferentes estilos que compõe as danças da cultura *Hip Hop*. Neste trabalho estudei apenas alguns dos muitos estilos existentes. Aqueles que atualmente possuem mais estudos de caráter científico, e também por estarem mais próximos da minha realidade como dançarina.

1.3 O Fenômeno

Nos anos 80 foi lançado o filme *Beat Street*⁴, trazendo o *break* às telas de cinema do Brasil. Logo em seguida, diversos filmes lançados traziam não somente o *break*, mas também o *popping*, *locking* e o *waving*, porém tudo era chamado de *break*, não havia uma divisão clara entre eles. A mídia contribuiu para que o termo *street dance*, confundisse mais ainda as pessoas que assistiam aos filmes e não entendiam o que era aquilo, pois *street dance* era o nome que a mídia colocou para o conjunto de todas as danças que antes eram chamadas apenas de *break* (COLOMBERO, 2011; GUARATO, 2008).

Alves (2004) afirma que na época o *Hip Hop* era um movimento, porque ainda eram poucas pessoas envolvidas, e para uma grande maioria o *break* era apenas uma moda que foi trazida pelos filmes.

Os clipes também contribuíram para que as *street dances* fossem espalhadas pelo mundo. Michael Jackson em seus clipes dançava passos de *locking*, *popping* e outras vertentes das danças, contribuindo para o fenômeno que a dança estava se tornando naquela época.

O *break* virou moda e passou a atingir um público maior. A dança passou a fazer parte de aulas de academias de ginástica da classe média, fez a música

⁴ *Beat Street - A Loucura do Ritmo*. Direção: Stan Lathan EUA: Atlantic Records, 1984. 1 filme (106 min)

utilizada para dançar *break* emergir como sucesso no mercado fonográfico, nas rádios e em programas de televisão (CASSEANO, ROCHA e DOMENICH, 2001, p.49).

A partir daí, as *street dances*, evoluíram e se tornaram populares no mundo inteiro, as pessoas imitavam os artistas de clipes e filmes, até que as danças tomaram uma estrutura coreografada chegando às academias e festivais de dança pelo mundo inteiro.

Lauxen e Isse (2009) afirmam que com a propagação da cultura *Hip Hop* e da mídia, em diversos contextos sociais, o movimento *Hip Hop* ganhou uma força muito grande pelo número de pessoas que começaram a aderir a essa manifestação, assim como todas as danças presentes nesse contexto, que possuem seu meio de expressividade e suas características que as tornam únicas de acordo com sua história.

Muitos aderiram às danças da cultura *Hip Hop* naquela época para estar na moda, mas poucos compreendiam a história que envolvia a criação dos estilos dentro das danças urbanas. Nos estados Unidos essa manifestação composta pelos 4 elementos: *break*, *MC*, *DJ* e *grafitte*, estava sendo criada como uma forma de enfrentamento do racismo e do preconceito, além da liberdade de expressão que estes elementos permitia. Ferreira (2005, p.6) nos explica que a proposta do *Hip Hop* era a de “ampliar a visão do plano econômico, político e social para compreender as causas e consequências dos confrontos territoriais locais e não apenas reduzi-las ao morador do bairro vizinho”.

Para Weller (2004) os jovens negros paulistanos começaram a conhecer a luta contra o racismo através dos *raps* criados pelos negros norte-americanos e, a partir destas referências, passaram a encontrar semelhanças na história da resistência dos afrodescendentes no Brasil.

É importante que as pessoas insiram a cultura *Hip Hop* em suas vidas e passe ela adiante como um ato político, pois “o *Hip-Hop* é um movimento sociocultural que busca a emancipação e a inserção do negro na sociedade, não como pária, mas como cidadão” (COSTA, 2005, p. 92).

Reckzieguel e Stigger (2005) nos explicam que os jovens possuem essa ligação com a cultura e suas expressões artísticas devido ao fato de se comunicarem com o mundo, de transmitir a realidade e a luta diária pelos direitos que, muitas vezes, lhes são negados. Esse discurso cultural que está presente nos quatro elementos é difundido e faz com que as ideias passem a ser assimiladas e praticadas pelos integrantes, provocando a mobilização do grupo em busca da sua inclusão social através da cultura *Hip Hop*.

A partir do momento em que os jovens estão inseridos na cultura, eles passam a se considerar construtores dessa história e responsáveis por passá-la adiante e dar continuidade, tendo a função de mensageiros e multiplicadores. Assumem, espontaneamente, um compromisso social, por acreditarem que sua arte transmite valores que vão ser aprendidos por crianças e adolescentes (RECKZIEGUEL e STIGGER, 2005).

Para muitos, a solução de enfrentamento dos problemas do dia a dia e de autoconhecimento foi a dança. As pessoas se identificavam com os filmes da época, em que os personagens eram pobres, saídos de periferias e bairros distantes, participavam de batalhas e com o talento corporal venciam outros dançarinos. A realidade encontrada nos filmes influenciou os jovens moradores de periferias que também buscavam uma forma de melhorar suas vidas.

Raposo (2012) defende que:

A música e a dança são formas privilegiadas de os jovens expressarem a sua experiência geracional, constituindo-se como um meio para refletirem sobre a sociedade contemporânea, construírem projetos de vida alternativos, reclamarem direitos e sonharem que dias melhores virão (p.2).

Silva et al (2010) explicita que a dança é uma ferramenta de cultura, um veículo importante para a criatividade e cidadania, ela é a principal fonte de informações culturais, de autoconhecimento e busca pela identidade.

Para que a dança tenha seu efeito transformador, é necessário quebrar o paradigma de que a dança é feita de passos estéticos. Ela deve ser entendida com seus significados sociais, culturais e históricos, com a importância que tem para quem pratica, e os valores que devem ser passados adiante. Silva et al (2010) justifica:

É preciso trabalhar com a dança no intuito de informar e mostrar as marcas culturais presentes, e desenvolvendo a consciência e o senso crítico do indivíduo. Assim, este indivíduo estará se posicionando historicamente e compreenderá que pode intervir no caminho da sociedade (p. 3).

Helena Katz (2010) também justifica o papel social da dança, afirmando que ela não é algo pronto, que possui somente um valor estético a ser apresentado e apreciado por uma plateia, mas que ela age na sociedade, e se modifica de acordo com os modelos do mundo atual em que é disseminada.

Para Souza (2004):

a dança, vivenciada enquanto prática (...) pode possibilitar a ampliação do nosso vocabulário corporal bem como do nosso olhar sensível. É a arte da dança como experiência realizando a sua função enquanto arte. Pensamos assim em novas formas de se apropriar do corpo, de estar no mundo e de se comunicar com ele. (p. 10)

Com a dança e os outros elementos do *Hip Hop* o jovem passa a buscar sua identificação e novas formas de pensar, que muitas vezes está relacionado com o que já foi vivido, com suas experiências. Com essa conscientização o jovem passa a reconhecer e a valorizar suas raízes, além da identificação de seus valores inseridos naquela cultura (WELLER, 2004).

Quando o jovem inicia a prática de dança, em sua grande maioria, é motivado apenas pelo prazer e satisfação que lhe traz. Mas, segundo Reckzieguel e Stigger

(2005), aos poucos esse jovem percebe que está inserido em um sistema cultural, a cultura *Hip Hop*. Segundo os autores, a trajetória de descobrimento da dança e sua cultura ocorre em três momentos. O primeiro é composto pela motivação da prática da dança através de um amigo. Nesta fase os objetivos do dançarino são: divertimento; demonstração da sua dança nas festas para impressionar as meninas e dedicação em aprender novos passos. O segundo momento ocorre com a permanência desse jovem na cultura *Hip Hop*. Os treinos começam a ter êxito, há um domínio dos passos e o jovem passa a entender que a dança está inserida em uma cultura muito maior do que imaginava. O terceiro e último momento é a descoberta dos conhecimentos que envolvem tal cultura. O jovem começa a buscar a história e as informações corretas para o desenvolvimento de sua dança. É nesta etapa que ele começa a praticar e passar adiante os princípios ideológicos da cultura na qual está vivendo.

O jovem passa a refletir sobre a realidade socioeconômica em que está inserido e começa a abandonar sua prática de lazer anterior. A partir da geração do grupo, da tomada de consciência e do compromisso com a atitude, a adesão a cultura já é total. Os jovens demonstram consciência de que aderem ou criam um estilo e começam a agir na defesa do mesmo (RECKZIEGUEL e STIGGER, 2005, p. 67).

Costa (2005) explica que nas danças da cultura *Hip Hop* existem dois termos: o *Old School* (Velha escola) que seriam os jovens que fizeram parte do movimento na época em que ele começou a se constituir, e que se preocupam em difundir fatos ligados a sua história e compromissos sociais. Enquanto a *New School* (Nova escola) seriam os jovens que praticam as danças dentro de academias como forma de lazer, mas que não se preocupam em passar adiante a formação histórica e cultural das danças desta cultura.

Para Katz (2010, p. 4-5) “as danças da cultura *Hip Hop*, que são muitas, atuam, portanto, como formas transversais de comunicação entre grupos

heterogêneos, fazendo da sua movimentação e da sua voz uma ação denunciadora” “da ditadura cultural que tenta nos calar⁵”.

Mais do que a execução de passos e movimentos coreografados, as danças dentro da cultura *Hip Hop* possuem valores a ser transmitidos. Na época em que foram criadas, possuíam, assim como a música, características revolucionárias que representavam uma população que reclamavam seu direito de liberdade de expressão. Hoje, existem muitos estudos que relacionam as danças e todos os elementos da cultura *Hip Hop* como forma de transformação de indivíduos. Diferentes projetos sociais trabalham com esta cultura como forma de conscientizar jovens moradores, ou não, de periferias.

2. Metodologia

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador procura entender os fenômenos estudados a partir dos apontamentos realizados pelos participantes da investigação, depois de aprofundada discussão e interpretação (NEVES, 1996).

De acordo com Richardson (1999, p. 90) “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

O método de abordagem escolhido foi a história oral que segundo Thompson (1992, p. 17):

Pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso resgatar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um, pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

⁵ letra do rap Ditadura Cultural, produção independente de O Levante)

Conforme Matos e Senna (2011, p.3) “a história oral centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido”.

Para atender aos objetivos da pesquisa, foram realizadas entrevistas com questões previamente elaboradas em forma de roteiro. A entrevista é a técnica em que um investigador apresenta perguntas para um entrevistado e o resultado é a obtenção de informações relevantes para a pesquisa científica. Elas foram coletadas através de gravador de áudio e transcritas para posterior análise.

A entrevista também é uma forma de diálogo assimétrico que, segundo Gil (1994), está caracterizado por uma pessoa que busca coletar dados enquanto a outra se apresenta como fonte de informação para o conteúdo da pesquisa.

Com os dados obtidos da entrevista, a análise dos depoimentos foi feita através da técnica de Bardin (2009) dividida em três etapas: a pré-análise que constitui da análise e organização dos materiais para a coleta e a revisão do conteúdo já existente sobre o tema, posteriormente foram feitas as entrevistas e a transcrição. A segunda etapa da análise dos conteúdos foi a de exploração do material, que se trata da organização do conteúdo obtido com a transcrição das entrevistas e o agrupamento de informações de acordo com o tema, e a terceira etapa é a interpretação dos resultados que formam a discussão e o cruzamento das informações obtidas com as entrevistas.

Para as entrevistas foi feito um estudo acerca das pessoas que são referências e estudiosos na área das danças urbanas, não só em seu contexto internacional destas, como também no brasileiro.

O primeiro entrevistado foi Henrique Bianchini. A coleta de dados foi realizada na casa da Dança que fica na cidade de São Paulo, local em que o entrevistado trabalha. Ele é estudante e pesquisador das danças urbanas e sua entrevista teve a duração de 27 minutos.

O segundo entrevistado, Frank Ejara, é um dos mais antigos estudiosos de danças urbanas do Brasil, juntamente com sua companhia, a Cia discípulos do Ritmo. A entrevista foi realizada em São Paulo no parque do Ipiranga e teve duração de 26 minutos.

A terceira entrevista aconteceu em um evento chamado Identidade *Hip Hop* que aconteceu em São Paulo onde, André Bomfim, mais conhecido como Jaspion, relatou

seus conhecimentos por cerca de 40 minutos. O entrevistado é estudante da cultura *Hip Hop* na cidade de Franca, SP.

O quarto e último entrevistado desta pesquisa foi Ivo Alcântara que é organizador do evento *Identidade Hip Hop*. O entrevistado estava com o tempo curto e mesmo assim disponibilizou 22 minutos para contribuir com esta pesquisa. Ivo é pesquisador das danças urbanas, coreógrafo e coordenador do grupo Chemical Funk de São Paulo.

Para o questionário foram elaboradas questões abertas para que os entrevistados pudessem de forma livre contar suas experiências e estudos relacionados com o tema. O questionário serviu como base para que os entrevistados pudessem relatar suas experiências e opiniões. Alguns dos entrevistados preferiram ficar com a folha e discorrer sobre os temas, enquanto outros optaram pela pergunta sendo feita pela pesquisadora e respondida por eles. A seguir o questionário feito aos entrevistados desta pesquisa:

1- Qual foi seu primeiro contato com a dança?

- Como você começou a prática das danças urbanas?
- Quais foram as suas influências? E hoje?

2- O que você pode me dizer a respeito da história das danças urbanas no Brasil?

- Qual é a história de cada estilo que você estuda?
- Como você adquiriu esse conhecimento?
- Como se deu a propagação de tal estilo?
- Existe diferença nos estilos das danças urbanas quando foram criados e hoje em dia? (Por quê? O que houve?).

3 – Você considera que as danças urbanas se popularizaram no Brasil? (Por quê? Como? Você essa considera essa popularização importante, por quê?).

4 – Street Dance, Dança de rua ou Danças urbanas?

- Por quê?
- Qual a diferença?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os primeiros contatos com a dança

Ao responder a primeira pergunta: qual foi seu primeiro contato com a dança, os dados mostraram que, de uma forma geral, foi com a família e amigos. Frank Ejara conta que sua mãe gostava muito de dançar, e acabou aprendendo com ela os primeiros passos. Henrique Bianchini teve influência de sua mãe que gostava de dançar e dava aulas de dança. Ivo Alcântara teve seu primeiro contato com a dança nas festas de seu bairro, as famosas quermesses e Jaspion teve influência de seu pai que gostava de dançar *disco*.

Especificamente com as danças urbanas, as respostas obtidas foram praticamente iguais: *Michael Jackson*. Todos os entrevistados contam que o primeiro contato com as danças urbanas foi através de videoclipes, e todos citam Michael Jackson como o precursor de clipes que continham esse tipo de dança. Frank Ejara diz que “[...] talvez a coisa mais próxima de danças urbanas foi quando eu comecei a imitar o *Michael Jackson* [...]”, assim como os outros entrevistados relataram suas experiências com os vídeos clipes do ídolo da música pop. Henrique Bianchini diz que também copiava clipes de *boysband*⁶ como o *New Kids On The Block*, na década de 90.

⁶ Banda composta apenas por pessoas do sexo masculino.

Logo depois da explosão de Michael Jackson, chegaram os filmes que retratavam as danças urbanas. Na época era o *Break Dance*⁷, no qual apareciam dançarinos americanos fazendo suas performances de *break*, *popping*, *locking* e outros estilos em uma época em que tudo recebia a mesma nomenclatura: *break*. O nome do filme era *Break*, portanto, se pressupunha que o que se estava dançando era *break*.

Jaspion expõe que na sua rua todos os meninos dançavam *break* influenciados pelos clipes e filmes, mas que na verdade só executavam os movimentos que aprendiam nessas mídias, os quais, muitas vezes, não estavam totalmente ligados à dança *break* propriamente dita, com a características e passos específicos.

[...] a gente tinha sei lá, vinte moleques na mesma rua, todos os vinte faziam achavam que tavam dançando *breaking*, mas todo mundo fazia moinho, todo mundo fazia *flair*, todo mundo fazia *red spin*, e na escola, na hora do recreio era exatamente a mesma coisa [...].

Alves (2008) explica que, com o sucesso do filme *Beat Street* em 1984, as pessoas iam ao cinema diversas vezes para depois ensaiar e reproduzir os passos que eram exibidos nos filmes.

Henrique Bianchini conta que quando começou a fazer aulas de dança, relacionadas com as danças urbanas, começou com sua mãe em uma aula de *Cardio Funk*. “[...] *Cardio Funk* era o nome dado para a linguagem de *hip hop dance*, eh, numa transcrição do *fitness*, né? [...] então foi esse o início, dentro de uma academia de ginástica, totalmente pasteurizado [...]”.

A respeito das influências, os entrevistados citam companhias como a de Frank Ejara, Discípulos do Ritmo, o grupo *The Lockers*; e pessoas de grande influência como *Boogaloo Sam*, Edson Guiu, *Henry Link*, Tatiana Sanchis, bem como, parentes e amigos. Frank Ejara conta que naquela época tudo o que se via era fonte de inspiração, tornava-se uma influência.

⁷ Break Dance: o filme. Direção: Joel Silberg. EUA: Entertainment Home de MGM, 1994. 1 filme (90 min).

[...] então a gente bebia de todas as fontes, então se tem alguém que eu pudesse citar na época era o *Boogaloo Srimp* que ele tinha um filme, ele tá no filme *Break Dance*, ele tinha um papel importante no filme, então talvez a dança dele, eh, era uma referência pra quem tava começando [...].

Os entrevistados, de forma geral, começaram a praticar as danças urbanas por intermédio da mídia, e que as influências naquela época eram os dançarinos presentes nos filmes que fizeram sucesso. É notável que Michael Jackson influenciou todas as pessoas na década de 80 com seus clipes que foram um sucesso imenso, pois as pessoas assistiam e tentavam copiar as danças que ele fazia. É importante ressaltar também a criação de danças de academia que visavam o emagrecimento, e que se tornaram febre, sendo uma das primeiras manifestações relacionadas às danças urbanas no Brasil.

3.2 A história das danças urbanas no Brasil

Ao responder a pergunta dois, o que você pode me dizer a respeito da história das danças urbanas no Brasil, os entrevistados afirmaram que tiveram seu início nas terras brasileiras em 1984 com a influência da mídia e dos filmes que chegavam naquela época. Ivo Alcântara explica que “[...] não tinha acho que um jovem se quer que não tentou praticar ou fazer parte desse movimento [...]”. Jaspion afirma que o primeiro estímulo de todos os dançarinos da época foram os filmes. *Hollywood* lançou uma diversidade de danças e todos queriam praticar, copiando e reproduzindo passos retratados nos filmes.

Outro ponto citado pelos entrevistados foi que as danças urbanas surgiram em todos os lugares do Brasil, não foi algo específico que ocorreu em São Paulo ou em Minas Gerais. Elas chegaram com os filmes. O Brasil inteiro estava assistindo, era a moda da época.

A literatura nos conta uma história um pouco diferente da relatada pelos entrevistados. Encontra-se que as danças urbanas tiveram seu início no Brasil na estação São Bento em São Paulo, onde Nelson Triunfo difundia com seu grupo, o Funk e Cia, o que seria o *break* naquela época (ALVES, 2004). Mas ao mesmo tempo, o que estava chegando aos bailes brasileiros nesse mesmo período era a música *funk*, denominada também como um estilo “tagarela”, pois havia um canto falado além do fundo musical, portanto a música que era característica do estilo *break*, ainda não havia chegado ao Brasil para que pudesse ser dançada (FELIX, 2005).

É importante ressaltar que antes de 1980, o que era dançado também pelo grupo de Nelson Triunfo eram passos advindos da mídia, mas não era a forma estética das danças urbanas que chegaram depois com os filmes em que essas danças eram retratadas, pois naquela época pouco se sabia da existência destes estilos, enquanto nos Estados Unidos elas estavam sendo criadas e expandidas.

Henrique Bianchini conta que as danças urbanas chegaram aqui pelo caminho das festas de rua, nos espaços públicos e cita a estação São Bento (metrô) em São Paulo como um desses lugares, mas, que ao mesmo tempo, ocorriam outros focos onde as danças urbanas se desenvolviam e não somente na cidade de São Paulo, como muitas pessoas afirmam.

Outra literatura existente diz que as danças urbanas começaram em Uberlândia. Guarato (2008) garante que não existiam manifestações semelhantes a um famoso grupo da cidade, chamado Jazz de Rua, e por isso as danças urbanas tiveram sua origem em Minas Gerais, antes da chegada dos filmes e cliques de sucesso.

Outra forma que os entrevistados dizem de como as danças urbanas chegaram ao Brasil, teria sido através de uma prática corporal denominada *Cardio Funk*, que seria a dança com o aspecto *fitness*, sendo reproduzida dentro das academias de ginástica com o objetivo de perda de peso. Ivo Alcântara explica: “[...] a gente pode ressaltar o *Cardio Funk*, que talvez tenha sido a referência maior na formatação de uma aula de dança urbana, onde a galera mesclava a prática de ginástica com movimentos da dança de rua vindos dos Estados Unidos [...]”.

Segundo Henrique Bianchini,

O Brasil teve o primeiro festival grande e competitivo entre companhias de danças urbanas que foi o *Brazilian Street Dance Festival*, que acontecia no *Fitness Brasil*, é um evento gigantesco, maior da América Latina e não é a toa que esses universos estavam meio mesclados nesta linhagem [...].

Santos (2008) explica que a dança sai do gueto e começa a ser difundida nas academias, aulas de ginástica e danças acadêmicas. Muitos professores daquela época utilizavam a nova forma de expressão com diversos nomes como *Cardio Funk*, *Street dance*, *Funk fitness* entre outros nomes.

Frank Ejara ressalta que todas as danças chegaram com o mesmo nome: *break dance*. Qualquer estilo que se dançava recebia a mesma nomenclatura, devido ao fato de os filmes chamarem e abordarem o termo *Break Dance*, e as pessoas não conhecerem a história acerca de cada estilo que estava sendo reproduzido nos filmes, pois não haviam estudos naquela época que relatassem como essas danças haviam surgido e que possuíam diferenças entre si.

[...] chegou tudo num pacote só, as pessoas [...] ninguém sabia e a informação era oficial. Então chegou do mesmo jeito, no filme *breaking* tem o *Shabba Doo*. O *Shabba Doo* dança *locking*. No filme o *Shabba Doo* era um dos *The Lockers*. No filme do *Break Dance* tem a *Lollipop*. A *Lollipop* dançava *popping*, dançava *locking*. *Poppin Taco* dançava *popping*. Mas o filme chama *Breaking* e tem pouco *breaking* no filme, então assim todos os estilos então chegaram na mesma época, né?”

A respeito da divisão dos estilos, Frank Ejara diz não se colocar como pioneiro, pois na época ninguém tinha consciência do que estava fazendo, do que estava dançando, mas se coloca na posição de quem estudou e elucidou o que era cada estilo, quais suas características e suas bases, por isso não pode ser considerado pioneiro, nem muitos outros que se dizem, pois as danças urbanas já estavam aqui, já haviam

chegado com os filmes e clipes que eram veiculados pela mídia televisiva. Com sua companhia de danças, a Discípulos do Ritmo, Frank conta que começou os trabalhos acerca dessa divisão do que era cada estilo: “[...] *todo mundo hoje fala popping, locking, breaking, bla bla bla como se sempre fosse assim, mas não, antes de 99 ninguém falava isso, todo mundo falava break dance [...]*”. Ele coloca que sua companhia e os estudos foram sua maior contribuição para as danças urbanas, pois a partir daí, as pessoas começaram a pesquisar e ver que existia uma construção histórica de cada estilo, que eles possuíam nome, especificidade, cidade de origem e passos básicos.

Assim, podemos entender que foi necessário um processo de assimilação dos conhecimentos relacionados às danças urbanas. Nos dias de hoje existem estudos que nos contam a história dessas danças, mas poucas pessoas tem acesso a esses conhecimentos e levam consigo o pensamento de que as danças urbanas se resumem a acrobacias e movimentos característicos da dança *break*, que foi a febre dos anos 80 no Brasil.

3.3 A Popularização

Quando indagados se consideram que as danças urbanas se popularizaram no Brasil, grande parte dos entrevistados acredita que sim. Henrique Bianchini justifica dizendo que é muito difícil encontrar alguém que nunca tenha visto algo relacionado às danças urbanas, mesmo que essa pessoa não tenha conhecimento sobre técnicas, estilos, é muito difícil encontrar alguém que não reconheça o que é. Acredita que se popularizaram devido ao fato do número de dançarinos em eventos de dança ter aumentado significativamente, bem como, o número de eventos ser maior do que antes. E o crescimento e a procura por aulas de danças urbanas em escolas de dança e academias, também contribuiu para essa popularização.

Jaspion acredita que o número de adeptos e praticantes da dança aumentou muito com o auxílio da mídia. Os jovens da época promoviam encontros que tornavam a popularização dessas danças cada vez maior, tanto entre o público que participava quanto ao que assistia a moda das danças urbanas. Jaspion cita outro ponto que contribuiu para popularização das danças urbanas, que foi quando um grupo famoso começou a aparecer na mídia. Isso despertou interesse em muitos dançarinos para pesquisar e descobrir cada vez mais sobre essas danças. Ele considera *“[...] que foi uma das formas de popularização de uma coisa que na verdade, aquilo não era dança urbana ainda, de acordo com a minha concepção, porque você tinha uma coreografia que não seguia o padrão de movimentação de nenhuma das danças urbanas [...]”*.

A importância da popularização, segundo Henrique Bianchini, é que as danças urbanas divulgam uma cultura com diversas possibilidades motoras e sociais, mas ao mesmo tempo, acredita que das informações existentes, muitas não podem ser aproveitadas. Ele expõe que o conteúdo das danças urbanas deveria ser “filtrado” para que as pessoas tirem seus preconceitos e passem a entender a história.

Alves (2004) afirma que os filmes da década de oitenta abriram a cabeça de muita gente, pois até então, ninguém sabia que aquilo que estava chegando ao Brasil fazia parte de um movimento político-social. “Hoje se fala em cultura *Hip Hop*, mas naquela época era um movimento, porque ainda eram poucas pessoas envolvidas” (p. 30).

Já Frank Ejara acredita que as danças urbanas não se popularizaram no Brasil, pois na época em que os filmes foram surgindo, em que a dança estava na mídia, todas as pessoas sabiam o que era aquilo, o que era aquele movimento que estava se formando, pois acontecia em todos os lugares, era a moda daquele momento, estava até nas novelas. Hoje em dia, ele acredita que as danças urbanas são feitas apenas para aqueles que estão inseridos no meio, dentro de festivais e academias de dança.

[...] hoje é muito segmentado, a dança é feita por quem dança, vista por quem dança então, eh talvez tenha mais praticantes no mundo, sem dúvida, mais

dinheiro envolvido, mas naquela época todo mundo sabia, todo mundo qualquer pessoa, qualquer velhinho, qualquer pessoa sabia o que era o que chamava na época *de break dance*, então é uma febre mesmo [...].

O entrevistado também diz que o público deve aderir à cultura *Hip Hop*, pois ela continua muito fechada. Ninguém nunca impôs que para ser da cultura, precisa necessariamente fazer algum dos elementos. Cita ele que os patrocinadores, muitas vezes, não tem interesse nos festivais devido ao público que são apenas *“dançarinos fazendo dança, [...] por isso que lá fora, principalmente nos Estados Unidos a comunidade toda vive Hip Hop. As tiazinhas vão nas festas dançar e elas não são b.girls. Elas gostam de ouvir música e grafite [...]”*.

Pudemos observar que o entrevistado se contradiz neste assunto, pois primeiro ele diz que as danças urbanas eram muito populares, pois estavam na mídia, e todos sabiam o que era, mas ao mesmo tempo diz que elas não se popularizaram, pois as pessoas não sabem o que seriam estas danças.

Que as danças urbanas ganharam muito adeptos não temos dúvidas, mas as pessoas atualmente não sabem realmente o que são essas danças. Muitas vezes sou questionada se o que faço são *“aqueles giros de cabeça no chão”* ou acrobacias. As danças urbanas possuem um repertório muito maior do que a visão que se tinha na época em que essas danças surgiram aqui, pois antigamente eram chamadas de dança de rua, e o que as pessoas viam era o *break* e todas as suas acrobacias. As danças urbanas evoluíram muito para ter esse formato que vemos hoje. Os diferentes estilos foram estudados para que suas características permanecessem com o passar dos anos, e que a história deles continuasse a ser contada e repassada para as futuras gerações de dançarinos.

3.4. Street Dance, Dança de Rua ou Danças Urbanas?

No começo de tudo e até sua propagação o único termo que se ouvia era *break*. *Popping* era *break*, *locking* era *break*, tudo era *break*! Até que a mídia resolveu confundir a cabeça de muitos telespectadores usando o termo *street dances* para designar um grupo de estilos diferentes dentro das danças urbanas.

A partir da pergunta: *Street dance*, dança de rua ou danças urbanas, Ivo Alcântara explica que:

[...] *street dance* foi um rótulo criado pra reunir uma gama de estilos que surgiram em Nova Iorque e também em Los Angeles, então dentro desse termo *street dance* advindo de filmes, né, a própria mídia rotulou que eram danças que tinham um caráter urbano, que elas vinham da rua [...].

Quando questionados, os entrevistados enfatizam que utilizam os três termos (dança de rua, *street dance* e danças urbanas), mas que estes apresentam diferenças entre si e ao mesmo tempo são designados para um mesmo fenômeno.

O *street dance* é defendido por todos os entrevistados como o nome mais adequado. Henrique Bianchini enfatiza que “[...] *continua sendo pra mim o mais funcional, o mais correto street dance e tem uma justificativa muito simples pra isso o nome não pode ser mudado, é um nome, não é um adjetivo pra ser traduzido [...]*”.

Frank Ejara concorda que *street dance* é o nome americano, porém o termo em inglês não tem o mesmo significado que possui quando falamos aqui no Brasil.

Quando você fala *street dance* em inglês não tem essa conotação de dançar no meio da rua. *Street* quer dizer popular, quando você fala *street dance*, *street nology*, *street culture*, não quer dizer que você é da rua, é cultura popular, é diferente a tradução porque é do povo. Ela não nasceu num ambiente clássico,

não é acadêmico, é popular, por isso se chama *street dance*, não porque foi criado no meio da rua [...].

Henrique Bianchini complementa dizendo que “[...] o termo *street dance* não quer dizer rua, não no sentido físico, mas algo que é urbano, algo que não é feito dentro de uma escola, não é feito dentro de um estúdio, não é feito dentro de um teatro, mas é feito no ambiente popular”.

O termo dança de rua é um termo traduzido do inglês *street dance*, e quando essa nomenclatura começou a ser utilizada no Brasil, ela se popularizou com um grupo que levava o nome Dança de Rua, onde traziam passos específicos e característicos que eram criados pelos dançarinos e o coreógrafo do grupo. Levou a popularização do termo e de uma dança que não era o que estava sendo desenvolvida nos Estados Unidos. Henrique Bianchini explica:

[...] nós tivemos uma companhia de danças urbanas no Brasil, muito famosa, muito forte, que tinha uma característica muito pessoal que se chamava Dança de Rua. E meio que as características próprias deles viraram padrão então no Brasil. Até hoje quando você fala dança de rua, o que vem a mente é diretamente uma referência daquele tipo de movimentação, daquele tipo de música, daqueles personagens [...].

Jaspion coloca:

[...] dança de rua que era o termo que o Dança de Rua do Brasil usava pra chamar aquilo que eles faziam que não era dança de rua, não era *street dance*, não era *urban dance* [...] então muitas academias até hoje [...] usam o termo *street dance* ou dança de rua pra designar o estilo que é “faz qualquer coisa aí” [...] que não existe um padrão de movimentação [...].

Guarato (2008) também afirma que o famoso grupo acabou com os moldes impostos anteriormente pela dança de rua, que eram os estilos com seus fundamentos e técnicas específicas. Tirou a característica que a dança tinha e incorporou elementos próprios para difundir aquele tipo de movimentação, que foi criada por eles e não

retratavam as danças criadas nos Estados Unidos e que estavam se difundindo no Brasil. Os entrevistados afirmam que o grupo que ganhou a mídia nessa época possuía movimentos próprios, e assim muita gente acredita que as danças urbanas ou a dança de rua, como era chamada na época, se resume aquele tipo de movimentação criado pelo tal grupo.

Frank Ejara explica que o termo está carregado de preconceito por conta da palavra rua. Conta que passou por muitas dificuldades quando montava seus espetáculos para sua companhia de dança e os tentava vender para teatros, pois era sempre questionado a respeito da terminologia dança de rua, e desejarem apresentar em um palco de teatro e não na rua. Ele diz que:

[...] quando você faz dança de rua e você vive no meio de trezentas, quatrocentas pessoas dentro do evento que sabem o que você tá falando, ninguém encara que isso é um grande problema, mas quando você chega pra alguém que nunca ouviu falar o que você tá fazendo, você fala dança de rua, você vai ouvir que é dança de mendigo, é dança de menino abandonado, é dança que você dança no farol [...].

Os entrevistados demonstram que o nome dança de rua está carregado de preconceitos e que muitas vezes recorrem a outros como *street dance* ou danças urbanas, pois acreditam que são as terminologias mais adequadas.

O termo mais comum nos dias de hoje é o danças urbanas. Segundo os entrevistados quem criou foi um alemão que percebia os mesmos preconceitos que o termo dança de rua recebia aqui no Brasil. Storm Robitzky começou a utilizar o termo *Urban Tanz*. Frank Ejara, conhecendo o dançarino, traduziu o termo para danças urbanas e começou a utilizar a nomenclatura, a qual apresentou bons resultados para sua companhia, a Discípulos do Ritmo. Ele conta que era muito difícil vender os espetáculos, pois os curadores de teatros apresentavam certo preconceito quando o grupo apresentava sua ficha técnica constando o nome dança de rua. Assim que passou a utilizar danças urbanas, as pessoas se interessavam para saber o que seria aquele estilo. O preconceito foi quebrado apenas com a mudança de nome, e no mesmo ano em que fez a mudança de termo, grandes festivais como o Passo de Arte

de Indaiatuba e o festival de Joinville, mudaram suas noites competitivas de nome passando a utilizar danças urbanas.

Henrique Bianchini enfatiza que o termo danças urbanas também significaria “*qualquer dança que é feita dentro do ambiente urbano*”, portanto todos os lugares do mundo possuem suas danças urbanas, mas relacionadas com a cultura de cada país, de cada região. Jaspion conta que o termo danças urbanas foi inspirado nos americanos, porque lá eles também não dançavam na rua, eles dançavam dentro de clubes, nas festas, e não entendiam o porquê no Brasil e em outros lugares o nome ser cercado de preconceitos, enquanto onde as danças foram criadas o termo era usado para designar uma cultura, um jeito de ser.

Ivo Alcântara acredita que os nomes das danças devem ser preservados, ao invés de utilizar um nome para todas elas. Para ele “[...] *vai chegar um momento que a gente vai chamar cada estilo, ou melhor, eu já utilizo isso, quando uma pessoa me pergunta o que você faz, eu falo que eu danço Locking, eu sou um locker [...]*”.

Frank Ejara explica que o termo danças urbanas é muito mais atrativo, principalmente para quem está de fora da cultura, para quem não conhece a dança. Para abrir espaços para estas em academias, teria menos preconceitos e chamaria mais a atenção do que o termo dança de rua.

Não existe um nome correto para designar o conjunto de danças que formam as *street dances*. Hoje em dia encontramos eventos, lugares e pessoas usando o termo que lhe agrada mais, podendo ser *street dances*, dança de rua ou danças urbanas.

Não encontrei nenhum estudo relacionado às danças urbanas que nos remetesse ao contexto dos nomes e termos utilizados no decorrer dos anos. As ideias trazidas é a visão dos entrevistados sobre a transformação que a dança da cultura *Hip Hop* sofreu até chegar aos dias de hoje. Podemos notar que a maioria dos artigos e livros encontrados utiliza o termo *street dance* ou dança de rua. Não existe o correto, mas hoje em dia a nomenclatura mais utilizada é danças urbanas, e as explicações foram dadas pelos entrevistados que deram suas opiniões.

3.5 A história de cada estilo

Nesta parte do trabalho busquei junto aos entrevistados uma pequena descrição dos estilos que cada um deles dança e estuda. O objetivo foi o de buscar mais informações sobre a história das danças urbanas em seu contexto internacional complementando a revisão bibliográfica realizada anteriormente.

Henrique Bianchini, especialista em *hip hop* ou *hip hop freestyle*, diz que esse estilo “[...] começou espontaneamente a ser desenvolvido em cima da música rap. Então é como se fosse a dança do rap [...]”. Ele completa dizendo que é uma dança de código aberto, que não possui uma cartilha de movimentos específicos. Diz que o vocabulário dessa dança não é limitado igual a muitas outras que possuem seus passos específicos. O *hip hop freestyle* possui seu vocabulário básico, mas não se resume somente a isso. Além de contar com as chamadas danças sociais, que são “passos prontos”, dá a possibilidade de utilizar elementos de outras danças.

Colombero (2011) informa que o *hip hop freestyle* surgiu através das danças sociais da época. Os passos foram sendo criados pelos dançarinos e depois somados a outros estilos existentes como o *popping* e o *locking*. Assim formou-se um novo estilo chamado de *hip hop freestyle*, que permite uma maior liberdade de movimentações.

Henrique explica que seu conhecimento sobre esse estilo foi sendo adquirido por meio de conversas com brasileiros que são referências e, também, por pesquisas em documentários e livros americanos. Além disso, cita a não veracidade dos fatos documentados por livros publicados aqui e por isso a maior parte de suas leituras advém de livros e referências bibliográficas dos Estados Unidos.

Sobre a propagação do *Hip Hop* no Brasil, Henrique conta que foi o caminho do *fitness* que impulsionou a dança aqui: “[...] a linguagem que se tentava reproduzir na academia de ginástica eram as danças sociais do rap, dança *hip hop* em cima da

música rap, então esse foi o principal caminho de difusão da dança hip hop no Brasil [...]”.

Henrique acredita que existem muitas diferenças de quando essas danças foram criadas e como são hoje em dia. Algumas possuem seu vocabulário fechado com passos específicos e pouco pode ser acrescentado, como no caso do *locking*. Outras como o *hip hop freestyle* possuem um vocabulário aberto, podendo receber influência de outras danças, sendo a variação passível de infinitas possibilidades. O *hip hop freestyle* hoje em dia continua sendo dançado em música *rap*, mas esse estilo musical sofreu muitas modificações com o passar dos anos e apresenta uma diferença das músicas em que o *hip hop freestyle* era dançado antigamente .

Ivo Alcântara elucida um pouco sobre o estilo que estuda: o lagartixa. No início da década de oitenta, ele foi criado em cima da música *rap* assim como o *hip hop*, porém, do *rap* brasileiro. “[...] *Os primeiros rappers daqui, né, do Brasil, eles faziam versões das músicas norte americanas e até mesmo esse nome lagartixa vem de uma paródia que o N de Naldinho, né, um rapper bem famoso aqui de São Paulo, ele fez de uma música do Chubb Rocky chamada DJ Innovator[...]”.* Segundo o entrevistado, após essa paródia, a dança ganhou o apelido de lagartixa, e seu auge foi na década de noventa quando o *rap* internacional começou a chegar no Brasil, e os rappers brasileiros faziam suas versões.

Em São Paulo existe um projeto chamado Sampa Cinza City, coordenado por Ivo Alcântara, para que a cultura do lagartixa não seja perdida assim como aconteceu com muitas danças que ficaram na moda. O lagartixa possui herança do samba-rock e, segundo o entrevistado, ela não é tão difícil e sua propagação se deu devido à febre que teve na década de noventa dentro dos bailes. É importante lembrar que cada estilo das danças urbanas possui seu pioneiro, a pessoa que criou e difundiu, como o *locking* foi criado por *Don Campbell*, no caso desse estilo, Ivo afirma que não existe somente uma pessoa envolvida, que era a febre da época, e todos começaram a praticar juntos. Foi um movimento da juventude. Assim como outros estilos de danças urbanas, o lagartixa possui seus passos básicos, sua estética e fundamentação.

É importante ressaltar que o lagartixa teve focos em diversos lugares do Brasil, porém, em São Paulo, foi onde havia maior movimento vinculado a ele, pois os rappers faziam seus shows e contavam com dançarinos e, quando se apresentavam em outras cidades, a cultura do lagartixa era levada. Em minha pesquisa, não encontrei estudos científicos tratando sobre o estilo lagartixa, portanto acredito que este trabalho seja pioneiro em relatar, de forma breve, a existência e as origens desse estilo muito conhecido em São Paulo.

Segundo Jaspion, o *locking* surgiu com *Don Campbell* que possuía um jeito muito próprio de realizar as danças sociais da época. Devido às pausas que fazia em suas danças, as pessoas começaram a chama-lo de *lock*. Depois ele foi criando alguns passos e, juntamente com outros dançarinos, criaram as bases do *locking*. O *popping* e o *boogaloo* surgiram em Fresno, na Costa Oeste dos Estados Unidos, com *Boogaloo Sam*.

[...] segundo conta a história, o *Boogaloo Sam* tava dançando lá e o termo *boogaloo* era um termo muito usado por muita gente como uma gíria na época, né? [...] ele dançando em casa lá alegre e feliz, o tio dele se não me engano falou faz esse *boogaloo* aí de novo. [...] Por essa expressão que o tio dele usou, eles passaram a chamar a dança de *boogaloo* [...].

Colombero (2011) explica que esse estilo foi o primeiro a surgir dentre todas as danças urbanas que conhecemos hoje, e acabou originando outros estilos advindos do *locking* como o *boogaloo* e o *popping*.

Jaspion adquiriu seu conhecimento através da internet, em conversas com pessoas que são referências nos estilos que estuda, além do uso de textos e vídeos em inglês.

Para as diferenças das danças de quando foram criadas e hoje em dia, o entrevistado possui a mesma ideia que Henrique Bianchini: “os estilos possuem padrões de movimentos, são suas bases, que é comum a todos os dançarinos, mesmo

que um dançarino execute diferentes os passos fundamentados, ele continua fazendo aquela dança, porém com seu estilo próprio”.

Frank Ejara não especificou sobre os estilos que estuda contando a história de cada um deles, mas reforça a ideia de que cada estilo chegou ao Brasil com o mesmo nome devido à mídia, como explicou no tópico anterior, as danças urbanas chegaram ao Brasil junto com os filmes e clipes, apenas com o nome de *break*.

Quando questionado sobre a diferença dos estilos antigamente e hoje em dia, Frank diz que quando existe uma diferença um outro estilo é criado, porque a história mesmo diz que quando uma pessoa tenta modificar uma dança, ela acaba criando outra, assim como aconteceu com o *locking*: “[...] então toda vez que você tem uma transformação você cria um estilo novo, então você vê *bucking*, *jucking*, parece *popping*, mas não é *popping*, já é uma outra coisa [...]

Os entrevistados contribuíram para que a história dos estilos fosse difundida através deste trabalho, pois é difícil encontrar pesquisas científicas que estudam cada uma das danças urbanas existentes. Ivo Alcântara nos conta sobre um estilo que poucas pessoas conhecem, o estilo lagartixa, que foi febre nos bailes de São Paulo na década de noventa. No levantamento de referenciais não pude encontrar informações sobre ele. É importante ressaltar que existem muitos estilos dentro das danças urbanas, e muitos outros são criados com o passar dos tempos, porém todos eles possuem uma ligação, pois um acaba influenciando outro já existente, ou até mesmo estimular a reinvenção destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começar a elaborar este trabalho não sabia o que iria encontrar de referencial bibliográfico e nem até onde esta pesquisa me levaria. Com o tempo, pude perceber

que o tema ainda é muito escasso, poucos estudos científicos foram encontrados sobre a história das danças urbanas no Brasil. Justifico a importância de fazer uma pesquisa em que os entrevistados relatem suas experiências e estudos que referências no tema, nos mostrando o rico universo desta cultura dançante. São pessoas qualificadas e comprometidas com a difusão e valorização das danças urbanas, estas, pois, vividas e estudadas por eles.

Esse trabalho contribuiu muito para minha formação como estudante e dançarina. A vontade de investigar sobre as danças urbanas surgiu de uma necessidade de aprofundar os conhecimentos históricos ampliando o entendimento acerca dessa manifestação cultural, visto que, a discussão estabelecida a partir dos dados coletados promoveu a minha qualificação não só como pesquisadora, mas como dançarina. Hoje percebo as danças urbanas numa perspectiva muito mais significativa, não somente o fazer por fazer, mas, o porquê fazer, o porque danço, como danço, o que danço.

Chego ao final desta investigação entendendo que a história possui muitos lados, muitos nomes, e que o começo das danças urbanas no Brasil ocorreu em vários lugares simultaneamente, por influência dos filmes que promoveram os estilos que chegaram na década de oitenta.

Com essa pesquisa, pude também entender os termos que muitas vezes se confundem, pois hoje em dia é utilizado tanto danças urbanas, *street dance* quanto dança de rua, porém cada um possui seus significados e preconceitos embutidos pela sociedade.

É importante ressaltar a importância de reconhecer e valorizar o referencial bibliográfico acerca da cultura *Hip Hop* como um todo, tratando não somente a dança, mas também os demais elementos: *MC*, *DJ* e *Graffiti*. Cabe a nós estudantes o papel de difundir a cultura *Hip Hop* e todos seus elementos que formam a história de uma manifestação cultural que chegou na década de oitenta no Brasil e permanece forte até os dias de hoje.

Sinto-me realizada em finalizar este trabalho científico que tirou minhas dúvidas, me fez chegar mais perto de pessoas que buscam o conhecimento e que se dispuseram a contar sua experiência sobre essa cultura. Terminei esta investigação com ideias fermentando para a realização de futuros projetos relacionados às danças urbanas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Amanda P. Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos. Revista de História, 3, 1, p.50-70. http://www.revistahistoria.ufba.br/2011_1/a04.pdf, 2011.

ALVES, César. Pergunte a quem conhece: Thaíde. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.

BALLALAI, Rodrigo C. O jovem no movimento hip hop: espaço potencial de criatividade e identificação? Dissertação de mestrado. UNESP- Assis, 2009.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Edição revista e atualizada. Edições 70: Portugal, 2009.

COLOMBERO, Rose M. M. P. Danças urbanas: uma história a ser narrada. Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP. Julho/2011.

COSTA, Maurício P. *A dança do movimento Hip hop e o movimento da dança hip hop*. Anais III fórum de pesquisa científica em arte. P. 88-95. *Escola de Música e Belas Artes do Paraná*. Curitiba, 2005.

FELIX, João B. J. *Hip hop: cultura e política no contexto paulistano*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FERREIRA, Tânia M. X. *Hip hop e educação: Mesma linguagem, múltiplas falas*. Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas, SP, 2005.

FOCHI, Marcos A. B. *Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social*. Revista FACOM - nº 17 - Pag 61-69, 1º semestre de 2007.

GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUARATO, Rafael. *Dança de rua: Corpos para além do movimento*. Uberlândia: Eduf, 2008.

GUEDES, Maurício S. "A música que toca é nós que manda": Um estudo do funk "proibidão". Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

KATZ, Helena. *A cidade e a dança que acontece nos palcos*. Congresso de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas, 2010. <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz91335736601.pdf>

LAUXEN, Patrícia. ISSE, Silvane F. *Contextos da dança de rua: um pouco de história e práticas docentes*. Revista Destaques Acadêmicos, ano 1, n. 2- CCHJ/Univates, 2009.

MARCHIORO, Anny D. R. LIMA, Flávia E. B. *A dança nas aulas de Educação Física: Hip Hop como instrumento*. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 16, Nº 165, <http://www.efdeportes.com/>, Febrero de 2012.

MATOS, Julia S; SENNA, Adriana K. *História oral como fonte: problemas e métodos*. *Revista Digital Historiae*. Vol.2 n. 1. Rio Grande, 2011.

NASCIMENTO, Ana Paula S. *Movimento Hip Hop em Juiz de Fora: Raps que comunicam educação*. Monografia. Juiz de Fora, Julho de 2010.

NEVES, Bárbara B. *A Cultura Hip Hop em Portugal: Abordagem Sociológica dos Processos de Integração e Contestação Social do Rap*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, 2004.

NEVES, José L. *Pesquisa Qualitativa- características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisas em Administração V.1 n°3 2°sem. 1996.

RAPOSO, Otávio. *Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do break dance das favelas da Maré*. Revista digital Etnográfica <http://etnografica.revues.org/> vol.16 no. 2 Lisboa jun. 2012.

RECKZIEGUEL, Ana Cecília C.; STIGGER, Marco P. *Dança de rua: opção pela dignidade e compromisso social*. Revista Movimento, v.11, n. 2, p. 59-73, Porto Alegre, 2005

RICHARDSON, Roberto J. e colaboradores. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas, 3ªedição, 1999.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella. CASSEANO, Patrícia. *Hip Hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 155 p.

SILVA et al. *Dança: um instrumento de pluralidade*. Revista Digital EF Deportes <http://www.efdeportes.com/>, Ano 15 n. 146. Buenos Aires, 2010.

SOUZA, Maria I. G. *Arte, Cultura e Sociedade: Uma rede intrigante para algumas reflexões sobre a Dança*. VIII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2ª edição, 1992.

SANTOS, Analu S. *Dança de rua: a dança que surgiu nas ruas e conquistou os palcos*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VALDERRAMAS, Caroline G. M. *Professores de Street dance do estado de São Paulo: Formação, saberes e ensino*. Tese de Mestrado. Rio Claro, 2008.

VALDERRAMAS, Caroline G. M; HUNGER, Dagmar. *Origens históricas do Street Dance*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - N° 104 - janeiro de 2007. <http://www.efdeportes.com/>

VIANNA, Hermano. *O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos*. Dissertação de mestrado. Universidade federal do Rio de Janeiro, 1987.

WELLER, Wivian. *O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo*. Caderno CRH vol.17 n. 40 p.103-116, Salvador, 2004.

APÊNDICE – Transcrição de entrevistas

Entrevista 1 – Henrique Bianchini

Henrique - Bom... Meu primeiro contato com a dança... Acho que foi dentro de casa, com a minha mãe, que sempre foi dançarina de Jazz, sempre gostou de dançar, ir em festas e tal então minha família por parte de mãe sempre foi tudo meio muito ligado a festa e principalmente festa com dança então pra mim começou dentro de casa... E acompanhando minha mãe nas escolas de dança assistindo as aulas essa foi minha primeira vivência com dança, mas era a princípio eu via o jazz acontecendo, era a primeira manifestação que eu tive contato indireto. Ahn... Nas danças urbanas meu primeiro contato foi através de vídeos... Bastante Michael Jackson, eu assistia bastante ele dançando e copiava e tal, porque é uma um fato recorrente acho que a

maioria das pessoas da minha geração quase todo mundo teve alguma influencia dele, e também vendo pequenas coreografiazinhas de videoclipe de boys band na época o New Kids On the Block, ahn, vendo o... Bom sei la vendo vídeo clipes de pessoas dançando. Então eu imitava sozinho, ficava imitando essas pessoas. Então oficialmente eu comecei a fazer aula de dança, ligado diretamente as danças urbanas, através da aula de Cardio Funk que era o nome dado para a linguagem de hip hop dance, eh, numa numa transcrição do fitness, né, e essa aula a primeira vez que eu fiz uma aula de Cardio Funk, a professora era a minha mãe inclusive, eu comecei fazendo aula com ela... Então esse foi o início dentro de uma academia de ginástica, totalmente pasteurizado, mas comecei por aí. Essa foi a minha primeira ligação...

Minhas influências são inúmeras né, primeiro Michael Jackson, depois ah essa experiência com a minha mãe e tal... E depois eu descobri a Tatiana Sanchis que foi uma grande influencia minha, foi responsável por eu ter decido fazer isso mesmo e correr atrás dessa linguagem... Eh, e depois mais pra frente Frank Ejara já uma influencia não só na dança física, mas no entendimento da dança, no processo de pesquisa, e até mesmo no processo de como se colocar nesse cenário, o papel que você tem, então acho que essas são minhas principais influências... Mas também sofri influencia de muita gente, eh, o Guiu em um momento da minha vida teve um... Transformou a minha dança do exterior eu posso citar o Henry Link, que foi muito chocante pra mim ver aquele cara dançando pelas primeiras vezes... Então essas pessoas foram bem importantes pra mim... Hoje em dia eu continuo sempre me influenciando... Bom deixei de citar importantíssimo na minha caminhada no momento que eu descobri ah os vídeos dos caras dançando em Nova Iorque na década de 90, nos clubs underground, eu tenho um documentário chamado "Wrecking shop" onde eu vi essas pessoas dançando e lá eu descobri uma linguagem uma abordagem eh, da dança hip hop que me cativou e da qual eu nunca mais consegui dissociar a minha visão dessa dança, eh, e esses caras todos foram muito influentes pra mim talvez a influencia mais forte assim que eu tive tenha sido eh, esses vídeos e esses vídeos dos caras dançando em 92... E então cada um deles ali naquele momento foi uma influência direta pra mim hoje em dia isso continua sendo uma referência continuo voltando nesses mesmos vídeos e não só esses mas coisas que se pareçam com aquilo que

tenham sido feitas ou na mesma época ou um pouco depois mas tendo a mesma linguagem continua sendo uma enorme referência pra mim mas também ah, dançarinos contemporâneos de hip hop da Europa principalmente, eh tem alguns dançarinos da Europa, principalmente na França, alguns da Alemanha, que ao meu ver continuam tendo aquela mesma ideia dos vídeos de 92 só que com o vocabulário muito mais amplo, com a técnica muito mais apurada, muitas outras possibilidades corporais sendo exploradas, mas com a mesma ideia da de uma dança mais livre, de uma dança mais, ah, crua mais ao mesmo tempo mantendo aquele personagem tradicional da dança hip hop do do cara lá de 92... Então atualmente essas são as minhas principais referências...

No Brasil, ah, eu vejo da seguinte forma as danças chegaram as danças urbanas chegaram de dois por dois caminhos um foi o caminho do fitness e o outro foi o caminho da festa na rua os espaços públicos, então a gente sempre cita a São Bento a estação São Bento de São Paulo eu acredito que em outros lugares tenham acontecido também não só em São Paulo, eu sei de focos de desenvolvimento das danças urbanas em Minas, mesmo no Nordeste alguns lugares onde no começo de 80 as danças urbanas já estavam sendo executadas

Pesquisadora - de uma forma às vezes até mais primitiva né?

Henrique Bianchini – sim, na verdade era uma reprodução as pessoas assistiam os vídeos, os primeiros vídeos com os quais a gente a gente não mas as pessoas nesse momento tiveram contato que tinham, eh, que continham execuções de passos de danças urbanas e simplesmente as pessoas copiavam aquilo que elas estavam vendo sem nenhum conhecimento técnico, teórico, nada mais aprofundado do que a simples visão do que tava sendo feito, então no processo de olhar aquilo, interpretar e reproduzir muita coisa se embaralhou, muita coisa foi passada adiante sem muito critério e tal mas o fato é que isso foi importante pra caramba esse primeiro momento foi essencial porque na na ideia de não existir muitas regras não existir muitos limites muito foi criado, muito foi explorado nesse momento, ah, e o caminho do fitness a ideia do Cardio Funk que gerou uma explosão de de de adeptos da ideia da cultura hip hop mais pasteurizada, da cultura hip hop mais pop, eh isso aconteceu de forma muito expansiva no Brasil e bastante gente começou por esse lado mesmo, as pessoas que

começaram a dançar no Brasil danças urbanas dentro de companhias de dança, grande maioria de dessas pessoas e dessas companhias foi formada a partir de uma história vinda do fitness né...o Brasil teve o primeiro festival grande e competitivo entre companhias de danças urbanas foi o Brazilian Street Dance Festival que acontecia no Fitness Brasil é um evento de fitness gigantesco, maior da America Latina e não é a toa que esses universos estavam meio mesclados nesta linhagem, né, nesse lado da chegada das danças urbanas... Então esses dois lados aconteceram meio que simultaneamente apesar de serem bastante diferentes as motivações, a execução, o tipo de musica que tocava, as pessoas envolvidas, os personagens incorporados, tudo era diferente mas vindo de um mesmo lugar, demorou tempo pra que a gente identificasse que os dois vinham de um certo ponto e que os dois precisavam de reformulações e reconfigurações e pra chegar numa dança mais oficial se é que se pode dizer isso... Então os dois caminhos foram se entendendo durante o tempo, levou bastante tempo, mas se entenderam eventualmente e pra se tornar uma ideia só... Ah...

A história de cada estilo... Bom eu sou especialista na dança hip hop ou hip hop dance ou hip hop Freestyle tem algumas possibilidades de nome, explicando rapidamente essa é a linguagem de dança que ah, começou a espontaneamente ser desenvolvida em cima da musica Rap, então é como se fosse a dança do rap, a princípio é uma dança de herança gigantesca do funk tanto da cultura quanto da musica quanto do vocabulário das danças sociais não é essencialmente uma dança funk, não sendo um funk style, mas é uma dança funk que tem muito uma carga gigantesca da cultura popular negra ah, de Nova Iorque no começo da década de 80 ate o começo de 90, então os personagens envolvidos nessas situações continuam sendo ainda a característica mais forte do personagem da dança hip hop, ah, e é uma dança de vocabulário de código aberto né , não tem uma cartilha de movimentos fechados, os fundamentos são outros não são os passos apesar de contar com uma cartilha grande de danças sociais que então são desenvolvidas em musicas rap... Então tem um vocabulário básico, mas esse vocabulário não é ah limitado... Ah, e é isso é uma dança nova iorquina que usa o rap como essência e motivação sonora e rítmica e e essencial ah... Essa é essencialmente a única linguagem com o qual eu trabalho, eu estudo outras linguagens por curiosidade, por vontade ou até principalmente para entender

melhor o hip hop por ser uma dança híbrida, uma dança que capta influências de outras linguagens também, mas essencialmente eu estudo dança hip hop...

O meu conhecimento foi adquirido por meio de conversas com pessoas importantes, pessoas respeitadas eh daqui do Brasil e de fora, foi adquirido através de pesquisa de documentários de filmes e alguns livros ah e foi adquirido também por meio de muito raciocínio, tem muita coisa que não está escrito em lugar nenhum que ninguém falou, mas pela conta, por lógica, por um pouco de raciocínio eu concluo algumas coisas, portanto meu conhecimento não é todo conclusivo e fechado e determinado e oficial tem muitas coisas que eu uso como base pra discussão pra motivar o raciocínio porque nem tudo que eu falo não ta não ta registrado em lugar nenhum é só são só alguns raciocínios meus, mas a parte fundamentada vem de conversas, documentários, filmes e livros, os livros sempre norte americanos, no Brasil os poucos que existem eu ainda continuo duvidando ou pelo menos não consigo afirmar a veracidade dos fatos e tem muita coisa que é escrita, mas que no cenário todo ainda não foi aceito então a maior parte dos livros e das referencias bibliográficas que eu uso são dos Estados Unidos... A propagação do estilo hip hop seria?

Pesquisadora – isso

Henrique Bianchini - No Brasil?

Pesquisadora - isso.

No Brasil a dança hip hop teve esse na verdade o caminho todo que eu falei sobre a chegada das danças urbanas eh a parte do fitness, quase tudo que era feito era ideia do que seria a dança hip hop, a linguagem principal que se tentava reproduzir na na academia de ginástica eram as danças sociais do rap, dança hip hop em cima da musica rap, então esse foi o principal caminho de difusão da dança hip hop no Brasil, o que é complexo porque era uma dança pasteurizada, uma dança transformada uma uma execução mais pop, um personagem deturbado, mas esse foi o caminho, a gente dançou hip hop sem dançar hip hop por algumas décadas no Brasil, sem entender o que era essa linguagem, por outro lado eh existia nas em algumas festas eh existiam manifestações que eram muito aproximadas da verdade, não verdade não, mas da do formato mais tradicional da dança hip hop nos Estados Unidos aqui no Brasil essas festas aconteciam e tinham essas representações bem aproximadas

do que era tradicional lá fora... Eh então os dois caminhos existiam, mas principalmente o cenário dos festivais competitivos entre companhias das aulas dentro de estúdios de dança e academias de ginástica e essa troca que acontecia entre os integrantes desses grupos esse foi o principal caminho, demorou muito tempo pra que a gente tivesse um entendimento um pouco mais concreto sobre os fundamentos dessa dança porque até hoje ainda não é totalmente firmado, mas pelo menos tem uma ideia mais aprofundada e pra isso demorou muito tempo, a gente passou bastante tempo correndo atrás de uma coisa que a gente nem sabia o que que era...

Bom existe bastante diferença entre os estilos de danças urbanas quando foram criados e hoje em dia e existe bastante diferença em algumas linguagens e em algumas existe menos diferença, isso depende muito do código dessa dança ou seja o vocabulário tradicional, se esse vocabulário é fechado ou não, a dança locking por exemplo tem o vocabulário bem mais fechado do que o hip hop, portanto as possibilidades são menores, não quer dizer que é uma dança terminada e que não há pra onde correr, não tem variações, mas as possibilidades são menores portanto eh do vocabulário lá de trás até agora pouca coisa foi feita assim foi transformada se for ver variações mas pouca pouca coisa mudou, mudou a motivação, mudou o vestuário, mudou o personagem, mudaram até um pouco o estilo musical que é usado e tal, agora pra linguagens com danças urbanas com código mais aberto como por exemplo o hip hop muita coisa mudou, a princípio a dança era toda apoiada nas danças sociais hoje em dia a dança social praticamente não existe na execução do freestyle dos dançarinos eh antes a dança tinha um caráter um pouco mais festivo, hoje em dia a dança não tem tanto esse caráter é um pouco mais de auto promoção, um pouco as vezes um pouco agressiva como uma vibe de batalha ah a malandragem foi ficando cada vez mais forte, o estilo musical então não dá nem pra você comparar o que era o primeiro rap gravado em 79 Sugarhill Gang com Rapper's Delight com as mais recentes que foram lançadas, não tem nada a ver então só esse fator já promove uma transformação absurda na linguagem que representa essas músicas, portanto muita coisa mudou ah pra algumas linguagens mais pra outras menos...

Bom, pra mim as danças urbanas se popularizaram não só no Brasil mas no mundo inteiro, atualmente é muito difícil você encontrar alguém que pelo menos que

não saiba do que se trata, nunca tenha visto, não importa se ela tem conhecimento sobre os termos, sobre as técnicas, mas é difícil encontrar alguém que nunca tenha visto alguma coisa nesse sentido, então primeiro como uma presença de consumo passivo na vida das pessoas, sim eu tenho certeza que é totalmente popular como atuante né ah vendo as pessoas como atuantes como praticantes das danças urbanas, acredito também que tenha se popularizado muito, só fazer uma conta do número de pessoas que participam dos eventos e quantos eventos existem no país todo ano né é muita gente envolvida muita gente envolvida e mais pessoalmente ainda eh nas escolas de dança os lugares por onde eu passo pra trabalhar, não só em São Paulo mas no Brasil inteiro, tem muita gente procurando, muita gente estudando, a popularização eu acho que se deu não só aqui mas no mundo inteiro porque primeiro que é divertido, é fácil entender, segundo porque lida com musicas que tem um apelo motor um apelo ah emocional no sentido de te mobilizar muito forte, então são musicas dançantes pra caramba, as pessoas sentem eh isso no corpo delas então se você tiver um código pra te ajudar a lidar com essa sensação mais legal ah acho também que os personagens de algumas delas são muito interessantes, então as pessoas acabam querendo se tornar aquele personagem ou pelo menos querendo ficar mais próximo daquilo, por exemplo o b.boy tem uma força, uma auto suficiência, uma segurança que a maioria dos dos adolescentes querem ter, então eu acho que é mais um fator, o vestuário tudo aquilo eh nunca saiu de moda, o hip hop nunca saiu de moda por exemplo então isso tudo trás as pessoas pra perto e a música né que continua evoluindo mas ta sempre tocando no rádio alguma linhagem de hip hop pode ser mais tradicional ou menos tradicional se é boa ou não é isso é pessoal mas tem alguma coisa de hip hop sempre ou de house, sempre tem alguma coisa de funk, portanto a música continua evoluindo, mas sempre com a mesma os fundamentos em comum ah... Eu acho a popularização importante no sentido de divulgar uma cultura, de divulgar mais mais algumas possibilidades de interação possibilidades motoras possibilidades de várias coisas interessantes, acho preocupante o fato dessa popularização não não poder ser controlada ou pelo menos as informações que são popularizadas não poderem ser filtradas ou então o acesso as informações não ter não terem algum tipo de filtro, então quando alguma coisa fica muito famosa e ta em todos os lugares eh é difícil rastrear eh

indo pra trás né rastrear o que era na verdade e até como deveria ter sido ou o que é de verdade, se é que existe uma verdade, eu acho isso um problema pra todas as danças urbanas eh elas estão cada vez mais ah etéreas, cada vez mais frágeis e os fundamentos estão cada vez mais pra trás, mais longe, tem muita coisa acontecendo por conta da popularização né cada um lida com essas linguagens meio que do jeito que quer

Pesquisadora - assim como eu fui pesquisar sobre todo o contexto e não encontro.

Henrique Bianchini - é exatamente, é preocupante, então cada pessoa que se dá bem na sua expressão própria tem hoje em dia potencial de ganhar adeptos e se essa pessoa ah inicialmente entendia estar dançando alguma coisa fundamentada né por fundamentos errados e tal, mas entendia que estava dançando alguma coisa fundamentada isso vai ser passado adiante e a dança original vai se perdendo... Então acho super legal por um lado, mas por outro acho ruim também, a parte da comercialização por um lado é bom né a gente eu tenho trabalho, então é bom pra mim, é legal, por outro quando você começa a transformar uma cultura ou uma ferramenta de expressão ou uma expressão artística seja la o que for em um produto e esse produto o valor dele começa a aumentar e esse produto começa a ser levado cada vez mais pra longe das motivações originais isso também é um problema né o que era, o que deveria ser, se perde se torna os produtos e depois de se tornar um produto ele tem potencial de virar qualquer outra coisa que não era originalmente...

Street dance dança de rua ou danças urbanas... Ok... Bom street dance é o nome original, na verdade é o que deveria ser pra sempre essa é a minha opção, essa é a minha minha sugestão, deveria ser pra sempre, ah dança de rua é um termo traduzido, funcionaria bem, funcionaria bem se não ficasse se não fosse uma tradução literal, uma compreensão literal do termo não se tornasse meio pejorativo ou ainda nem que pejorativo, mas não indicasse exatamente como é que isso acontece de verdade e ainda mais um problema, nós tivemos uma companhia de danças urbanas no Brasil MUlto famosa, MUito forte, que tinha uma característica muito pessoal, que se chamava dança de rua e meio que as características próprias deles viraram padrão, então no Brasil até hoje quando você fala dança de rua o que vem a mente é diretamente é uma referência daquele tipo de movimentação, daquele tipo de música, daqueles

personagens e tal, então é mais um probleminha pessoal aqui nosso do Brasil eh a tradução funcionaria se não fosse por tudo isso, então já que tem todos os problemas acho que a tradução não funciona... Danças urbanas eu não sei nem de onde veio, não sei se foi o Frank que fez esse que culhou esse termo, eu acho muito legal porque street dance na verdade seria a tradução não sendo literal, o termo street quer dizer rua não no sentido físico, mas algo que é urbano algo que é ah que não é feito dentro de uma escola, não é feito dentro de um estúdio, não é feito dentro de um teatro, mas é feito no ambiente popular, no ambiente eh eh urbano, então funciona bem o termo danças urbanas funciona bem mas tem mais um problema danças urbanas numa tradução numa numa compreensão literal pode significar qualquer dança que é feita no ambiente urbano então nesse caso todos os lugares do mundo tem alguma dança urbana, todas as cidades tem uma dança urbana pelo menos uma então por exemplo se eu falar dança urbana eu posso estar me referindo ao samba, posso estar me referindo a qualquer outra linguagem de dança que tenha sido desenvolvida numa cidade, por muito tempo eu pensei nessa história como como o termo mais elaborado danças urbanas estado unidenses e nem danças norte americanas dá pra usar porque Norte America eh America do Norte engloba o Canadá e a gente não ta falando de nenhuma dança de lá, então danças urbanas estado unidenses seria o termo mais correto, mas é um bosta de um termo não da pra usar, não funcionaria, então continua sendo pra mim o mais funcional, o mais correto street dance e tem uma justificativa muito simples pra isso o nome não pode ser mudado, é um nome não é um adjetivo pra ser traduzido é um nome eh meu nome quando eu vou pro exterior não muda não viro "Henrique" eu continuo sendo Henrique e as pessoas podem falar errado ah ah a pronúncia mas vão continuar tentando falar o meu nome assim como no Brasil pode se falar "striti dance" a pronúncia ta errada, mas o termo ainda é o mesmo, é por isso que eu acho que street dance continua sendo o termo mais apropriado... Ah por conta desses motivos todos...

Pesquisadora- é isso (risos)

Henrique - Funcionou?

Pesquisadora- ô

Entrevista 2 – Frank Ejara

Pesquisadora- Como foi, qual foi seu primeiro contato com a dança?

Frank Ejara - Com esse tipo de dança ou de um modo geral?

Pesquisadora- Pode ser de um modo geral...

Frank Ejara - Eh, foi com a minha mãe minha mãe entre 78 79 eu tinha 7 anos... e minha mãe dançava né, mas não era profissional não ela saia pra dançar na época da disco ah... na época dos também no final da era funk dos anos 70, então ela dançava muito em casa então eu aprendi a dançar com ela os primeiros passos seguir o ritmo da música fazer alguns passinhos então ela foi a minha primeira... Meu primeiro contato com dança.

Pesquisadora- E como você começou a praticar danças urbanas?

Frank Ejara - Eu acredito que... Que que foi assim ai isso esse meu contato com dança com a minha mãe foi até o início dos anos 80, porque depois ela se mudou ela veio ela veio morar em São Paulo por que eu sou do interior de São Paulo e eu fiquei morando com a minha vó, então eu fiquei mais ou menos dois anos afastado de dança porque eu fui brincar como qualquer outro moleque com outras coisas tal e ai eu acho que meu primeiro contato com danças de novo foi através do Michael Jackson, aquela coisa de quando ele estourou entre 83 e 84 e ai eu acho que talvez a coisa mais próxima de danças urbanas foi quando eu comecei a imitar o Michael Jackson, isso eu tinha 10 pra 11 anos, e depois com a chegada do fenômeno que foi o Break Dance né, o nome da mídia Break Dance os eh que trouxe os filmes pra cá, ai ai eu fui de Michael Jackson pra realmente danças urbanas, na época tentei dancei breaking mesmo fazia outros estilos então isso já tá falando de 84, então foi esse o meu primeiro contato com danças urbanas nessa época.

Pesquisadora- E quais foram as suas influências? Nessa época.

Frank Ejara -... eh quando a gente fala de influência a gente sempre fala de uma coisa mais consciente tipo fulano me influencia minha arte porque ele me inspira, então eu

acho que naquela época porque é tudo tão novo na verdade qualquer coisa era influência, qualquer porque tinham muitos filmes, muitos clipes, videoclipes, na época era uma febre mesmo, então a gente bebia de todas as fontes, então se tem alguém que eu pudesse citar na época era o Boogaloo Shrimp que ele tinha um filme ele ta no filme Break Dance, ele tinha um papel importante no filme, então talvez a dança dele éh era uma referência pra quem tava começando, mas eu não não consigo citar um nome só na época a gente... Nem sabia o nome das pessoas que a gente tava vendo então tudo isso veio muito depois.

Pesquisadora- E hoje em dia?

Frank Ejara -... Minha influência? Eu acho que eu tenho um, a minha dança ela é totalmente influenciada por dois grupos que é o Electric Boogaloos e o The Lockers, e ai isso inclui todos os integrantes do passado e do presente.

Pesquisadora - O que você pode me dizer a respeito da história das danças urbanas no Brasil?

Frank Ejara -... A história começa em 84... Qualquer pessoa que falar que teve antes é mentira porque as pessoas tem uma tendência a confundir a era da Soul, da Soul music e da disco com danças urbanas... Isso teve no Brasil e foi forte nos anos 70, mas isso não tem nenhuma relação direta com danças urbanas, tem uma relação direta porque é histórico, mas danças urbanas e a cultura hip hop só a partir de 84 e por causa da mídia, por causa da moda, por causa da televisão, no caso de Hollywood ter feito quase 5, 6 filmes e que tinha isso como tema, foi isso que trouxe pro Brasil, todo mundo que começou começou por causa daqueles filmes e por causa daquela cena que influenciava todo mundo, na verdade as pessoas não tem ideia quando você fala de mas em 84 era muito maior do que hoje, porque hoje a gente tem muitos praticantes mas muitas das vezes os seus pais não sabem o que você ta fazendo... Naquela época todo mundo sabia o que era porque tava na abertura da novela das 8 da Globo porque tava em videoclipe porque tava no cinema e e os filmes ficaram populares tava nas capas de revista tava na moda, tava em todo lugar, hoje é muito segmentado a dança é feita por quem dança, vista por quem dança, então eh talvez tenha mais praticantes no

mundo, sem dúvida, mais dinheiro envolvido, mas naquela época todo mundo sabia, todo mundo qualquer pessoa, qualquer velhinho, qualquer pessoa sabia o que que era o que chamava na época de break dance então eh era uma febre mesmo era como dizer algo parecido com o funk carioca sei la era isso.

Pesquisadora- E qual é a história de cada estilo que você estuda?

Frank Ejara - A história como? A história deles na minha vida? Ou a história de cada estilo?

Pesquisadora- De cada estilo que você sabe, por exemplo, eh vou dar um exemplo o Locking ah o Locking chegou no Brasil ...

Frank Ejara - Tudo chego com o nome de Break dance, se você dançava locking era break dance, dançava breaking era break dance, dançava popping era break dance, waving era break dance, tudo era break dance, chegou tudo com num pacote só as pessoas num ninguém sabia e a informação era oficial quando a mídia fala alguma coisa se torna oficial então chegou do mesmo jeito no filme no filme breaking tem o Shabba Doo, o Shabba Doo dança locking, no filme Shabba Doo era dos The Lockers, no filme do Break Dance tem a Lolipop, a Lollipop dançava popping, dançava locking, Poppin Taco dançava popping ,mas o filme chama breaking e tem pouco breaking no filme, então assim todos os estilos então chegaram na mesma época né?... Agora se então você perguntar quando foi que começou a se desmembrar os estilos e saber que cada um é cada um aí é uma outra história mas como foi que chegou a história deles no Brasil eles chegaram juntos todos todos os estilos a não ser né o que a gente pode dizer agora os mais recentes house ,waacking, voguing ,krump, isso já é mais dos anos 2000 pra cá mas locking, popping e breaking e waving e tudo isso isso chegou tudo junto como se fosse uma dança só, ai essa história da de separar os estilos eu acho que... Eu não me coloco como pioneiro de nada pra mim não tem pioneiro no Brasil, não existe pioneiro no Brasil, pioneiro é quando você não tem nada no lugar, você chega primeiro e você influencia todos os demais a fazer aquilo e no Brasil não tem nenhuma figura assim, ninguém que possa dizer que eu trouxe tal dança pra cá então o que acontecia é as pessoas não tem não tinham consciência do que estavam fazendo

talvez eu possa ter sido um desses caras que elucidou o que era popping, o que era locking, o que era breaking, mas isso não é pioneiro, as danças já estavam aqui... As pessoas já tentavam fazer desde os anos 80 você vai ver as pessoas fazendo locking, fazendo popping no Brasil e dançando breaking né, mas esse talvez seja o meu maior papel e junto com a minha companhia do Discípulos do Ritmo que foi... Em 99 só que todo mundo hoje fala popping, locking, breaking, bla bla bla como se sempre fosse assim, mas não antes de 99 ninguém falava isso todo mundo falava break dance e break dance era tudo em 99 quando eu montei o grupo, eu tinha um estudo começava a pesquisar, traduzir textos sobre o que acontecia pra aprender mais sobre as danças foi que essas essas eh... As histórias começaram a chegar separadas e fazer sentido que tal dança é de um lugar, foi de tal época né, e aí começar a fazer mais sentido, então o Discípulos do Ritmo minha companhia e o meu trabalho foi mais nesse sentido talvez eu acho que minha maior contribuição pras danças urbanas foi essa.

Pesquisadora- Eh, você acha que existe diferença nos estilos das danças urbanas quando elas foram criadas e hoje em dia?

Frank Ejara - Não... Quando existe uma diferença é um novo estilo é criado é isso... Por que é... Vamos supor qual que é a diferença de um b.boy que girava uma volta de cabeça e hoje dá 480°? No final é um giro de cabeça, a velocidade no final, é o mesmo passo, a técnica melhorou, mas é a mesma dança e é eu acho que tem que ser assim pra continuar ela preservar um estilo é você continuar evoluindo ele né, mas não transformando ele eu não acredito muito em transformação porque a história mesmo diz toda vez que alguém transforma um estilo ele aparece com outro... Quando quando o Sam começou a dançar diferente ele dançava locking ele criou uma coisa diferente eh o pessoal do hip hop ia em festa de house que tocava house music e dançava mais rápido e acabou criando o jeito de se dançar house que se vê hoje, então toda vez que você tem uma uma transformação você cria um estilo novo, então você vê Bucking, Juking parece popping mas não é popping, já é uma outra coisa então tudo isso tem a ver com a música, com a música que você é criada, aparece novos estilos e ai acaba criando novas danças também mas eu acho que os estilos eles eles permanecem pra mim, eh eu consigo identificar popping, eh eu posso até achar que eu posso te dizer

que hoje tá bem melhor mas é mais tecnicamente ,mais a dança, a técnica é a mesma o popping, o locking, o waacking, qualquer dança se você mudar ela coloca em um outro contexto, dançar numa outra música, outro tipo de interpretação, não faz não deixa de ser a mesma dança, agora quando você começa a incorporar outros movimentos, mudar textura e tudo ai você acaba criando um estilo novo e é eu acho que é isso que acontece o tempo todo não dá pra dizer que tudo é a mesma coisa.

Pesquisadora- -Você considera que as danças urbanas se popularizaram no Brasil?

Frank Ejara – Não...

Pesquisadora- Por quê?

Frank Ejara - Porque se sua mãe seus pais souberem o que você ta fazendo, ir no teatro, ir ver batalha de dança aí eu vou falar que popularizou, porque hoje os festivais é de nós pra nós mesmos...

Pesquisadora- Você acha que seria importante?

Frank Ejara - Eu acho que é de extrema importância... Mas é que tem vários fatores eh que que fizeram isso acontecer um deles começa pela própria cultura hip hop que as pessoas pregam que você faz, pra você SER do hip hop você tem que FAZER um dos elementos, isso nunca existiu em lugar nenhum do mundo aqui começou, se você é b.boy você é do hip hop, se você é MC você é do hip hop, sendo que na verdade hip hop é uma cultura você tá envolvido por essa cultura você não precisa ser artista dessa cultura você simplesmente é envolvido por ela e aí você faz parte dela, então por isso que lá fora principalmente nos Estados Unidos, a comunidade toda vive hip hop, as tiazinhas vão nas festas vê e dançar elas não são b.girls, elas gostam de ouvir música e grafite e vê eh é isso que num tem aqui, então isso se refe... Isso acaba aplicando a todas as danças né, não só o hip hop como cultura, mas todas as danças urbanas, enquanto não tiver uma adesão popular a falta de adesão popular ela além dela dela diminuir o nosso público e tudo ela também afasta patrocinadores porque porque que alguém vai colocar dinheiro numa coisa num num evento em que a gente tem trezentas pessoas que são dançarinos fazendo dança? Entendeu? Então eu acho que enquanto

o público não começar a fazer parte a gente não tem reconhecimento... E esse reconhecimento, essa falta de conhecimento, não tem a ver com preconceito ou preferências, tem a ver com a própria cultura fechada, as próprias pessoas que fazem às vezes se sentem muito mais eh... Felizes em viver num clube num clube fechado...

Pesquisadora- A última

Frank Ejara - Já?

Pesquisadora- Ô (risos)

Pesquisadora- Street Dance, Dança de rua ou danças urbanas?

Frank Ejara - É a mesma coisa... E eu sei eu sei te falar exatamente qual o ponto de cada uma... Street dance é o nome americano pra todas as essas essas danças que na minha opinião se torna um problema hoje, mas depois eu falo ,dança de rua é a tradução literal... Certo? Danças urbanas é um termo que eu comecei a usar e que hoje se popularizou e não foi por culpa minha, eu nunca coloquei uma lei que as pessoas tinham que começar a usar danças urbanas, foi simplesmente pelo seguinte a palavra dança de rua eh na sua tradução literal tem dois erros um é... Um erro é que não faz jus à criação das danças, então a tradução literal ela não faz sentido e segundo que ela tem um uma grande carga de preconceito por causa da palavra rua, então quando eu montei os discípulos em 99 eu passei por muitos problemas pra tentar vender o trabalho da gente nos teatros por causa do preconceito já embutido na palavra rua, quando você faz dança de rua e cê vive no meio dos trezentas, quatrocentas pessoas dentro do evento que sabem o que você ta falando ninguém encara que isso é um grande problema mas quando você chega pra alguém que nunca ouvir falar o que você ta fazendo você fala dança de rua você vai ouvir que é dança de mendigo, é dança de menino abandonado, é dança que você dança no farol, é dança “ah mas você vai dançar no palco? Mas não é dança DE RUA?”,então eu passei por tudo isso durante anos tentando mostrar o trabalho da minha companhia pros programadores e curadores de festivais... Isso é um ponto, street dance, quando você fala street dance em inglês não tem essa conotação de de dançar no meio da rua street quer dizer popular.. né quando você fala street dance, street nology, street culture, não quer dizer que é cultura

DA rua, é cultura popular, é diferente a tradução é porque é é do povo, é porque é ela não nasceu num ambiente clássico dentro de um não é acadêmico ela é popular, por isso que chama street dance não porque a dança foi criada no meio da rua, locking não foi criado na rua ,popping não foi criado na rua, e nem o breaking foi criado na rua, as festas do Bronx lá no início deu início ao break, mas o break desenvolveu muito mais numa igreja na igreja de Saint Martin, que os padres faziam batalhas de b.boys e eles eram jurados, quando o breaking tomou essa forma que a gente conhece hoje foi quando eles dançavam na igreja, então no meio da rua ninguém dançava, mas quando você fala street lá é igual street wear é uma moda popular, não é que é moda das ruas, você não se veste igual mendigo, então a tradução ela é errada de todo jeito, primeiro porque ela não faz jus a história né... E também é a carga de preconceito e quando eu falava isso pro Storm que é um dançarino alemão que eu trabalho há muitos anos com ele ele falava que ele passava pelo mesmo jeito, pelo mesmo problema com a tradução pro alemão, porque também é muito negativa e aí ELE começou a usar Urban Tanz, que em alemão era danças urbanas e eu falei “pô acho legal, interessante” e aí o que eu fiz eu lembro até hoje, eu catei todo o todo o material da companhia Discípulos e apaguei todo lugar que aparecia dança de rua e substitui por danças urbanas... E o resultado foi que imediatamente as pessoas começaram a perguntar “mas o que que é isso? Dá pra você me explicar mais?” e aí o que antes as vezes você nem obtinha resposta porque o preconceito já batia na sua cara, as pessoas começaram a se interessar sobre...e aí eu comecei a usar cada vez mais o termo porque eu acho eu acho que ele é mais tem mais a ver a tradução do que dan-ça-de-rua , e aí eu comecei a usar e as pessoas as pessoas ao meu redor começaram a usar também, alunos meus também começaram a usar, até que eu lembro que um dia o festival de primeiro foi o festival de.. Do Passo de Arte, mudou a noite de dança de rua pra danças urbanas e no mesmo ano depois o festival de Joinville mudou pra danças urbanas e eu falei porra foi longe o negócio (risos) então eu não sei se realmente é por minha causa, mas eu sei que eu fiz isso por conta desse fato por que se não tivesse, se eu não passasse por esses obstáculos sabe, dança de rua pra mim tudo bem eu eu achava tudo bem também mas na verdade não era, então na verdade é tudo a mesma coisa, é só um rótulo então quando chama ah street dance se chamar dança de rua vou atender se

chamar danças urbanas vou atender também só que pra quem tá do lado de fora fora da cultura querendo saber o que você faz, dança danças urbanas é muito mais atrativo, tem até um glamour quando você fala pra alguém, pra uma academia que quer abrir um espaço, do que se você falasse ah dança de rua então eh eh é um problema e eu como eu falei quando eu fiz isso eu não tinha a intenção de mudar e mudar a cena eu queria eh realmente é uma coisa bem bem fechada em relação a minha companhia de dança que eu queria eu queria entender porque que as pessoas não respondiam o material que você manda esse tipo de coisa.

Pesquisadora- Me conta um pouquinho do do seu grupo.

Frank Ejara - Do discípulos?

Pesquisadora- Isso, como vocês começaram, essa ideia foi sua?

Frank Ejara - É o discípulos foi assim, eu sempre dancei, eu até fiz parte de um grupo profissional entre 91 e 92 que tinha patrocinador a gente vivia da dança e tal... Mas... hm não era sei lá não era uma coisa que me encantou muito na época...eu tanto que eu saí depois eu fui... Continuei dançando só como hobby, mas em 96 veio uma companhia de dança chamada Ghetto Original pro Brasil, eles são americanos e quando eu vi o espetáculo deles eu na hora eu falei era isso que eu queria fazer, é esse tipo de coisa que eu queria fazer com dança, porque eu não me via em sala de aula, eu não me vejo em sala de aula ainda, não me vejo, eu num não acho que esse é o caminho, mas enfim aí eu comecei a sonhar em fazer parte de uma companhia como aquela, primeiro eu comecei a pensar “pô se tivesse um grupo desse”, mas foi passando o tempo e esse grupo não ia aparecer... E aí eu já andava com vários dançarinos a gente se encontrava na São Bento na estação do metrô todo sábado então tinha um grupo de amigos que sempre tava lá praticando, um deles era o Andrezinho que dança no discípulos até hoje, o Soneca tal...e eu olhei pô tenho uma ideia de fazer uma companhia de dança profissional de street dance.. Mas a minha ideia não é competir, eu não quero fazer eh eh competição coreográfica, eu quero trabalhar com criação cênica mesmo, com espetáculo de dança, e na época eu nem sabia eu até a gente até tinha uma ideia por auto do que seria montar um espetáculo

porque eu tinha visto alguns mas eu não sabia como seria a... Onde a gente ia apresentar, qual que é, como que é o mercado, e e como que você divulga, o que você faz, como que você prepara o seu material, eu não tive ideia mas a gente começou em 99 e hoje a gente já tá com 15 anos de a gente fez 15 anos esse mês a gente tem 5 espetáculos mais de... sei lá dezenas de turnês pela Europa, já foi pela Ásia, pelos Estados Unidos, já foi pra América Latina também, já andou o Brasil... o Brasil nem tanto quanto já deveríamos ter andado, mas começa a abrir um pouco mais agora depois de um tempo, de ter mais abertura talvez por causa do danças urbanas (risos) então a história resumindo é essa e o grupo agora tem 15 integrantes éh... cada cada espetáculo tem um elenco diferenciado então não tem nenhum espetáculo que dança todo mundo, eu acho que também não sei se vai chegar esse dia porque... As vezes eu acho muita muita gente, as vezes pra arte cênica acho que as vezes acaba atrapalhando ao meu conceito e aí é isso a gente trabalha montando espetáculo novo que vai estrear ano que vem, basicamente é isso sobre o discípulos...

Pesquisadora- Legal é uma grande referência.

Frank Ejara - Acredito que sim (risos)

Pesquisadora- É isso.

Frank Ejara - Não tem mais nada?

Pesquisadora- Só isso.

Frank Ejara - Então tá... Aproveita né.

Pesquisadora- Muito obrigada.

Frank Ejara - Obrigado você.

Pesquisadora- A hora que terminar a ideia é divulgar bastante o trabalho porque quando eu fui escolher o tema que eu queria fazer meu trabalho, eu não conseguia encontrar nada, eu tinha que estudar sobre isso e eu não achava nada pra eu estudar sobre

Frank Ejara - E eu vou te falar tem até algumas coisas que lançaram mais elas são tão

Pesquisadora- E eu não posso usar tudo que tem, eu não posso chegar sem ser uma entrevista com você não posso chegar e falar assim me conta aí como é que foi e eu escrevo, eu não posso usar isso, tem que SAR de artigo científico ou de algum livro publicado.

Frank Ejara - Então tem alguns livros publicados, mas eu já li alguns livros tem dois livros um que chama Dança de Rua mesmo que é de um pessoal lá do do que organiza o Battle of the Year mas que é um livro muito tendencioso porque eles falam deles tudo toda a história gira em torno do livro deles pra promover o grupo deles e o evento que eles fazem aí tem também um outro grupo de Minas Gerais que é da época do dança de rua do Brasil lá de Santos é um grupo que é meio que da escola deles e aí faz a mesma coisa entendeu porque eu acho assim eu mesmo não é que eu dancei errado a gente dançou a gente era inocente eu fui inocente durante muitos anos eu já tinha 15 anos de dança quando eu vim descobrir o que eu fazia eu já fazia e não sabia o que eu fazia só que eu não tenho vergonha de falar isso de falar olha eu não sabia e a gente falava isso e aí depois a gente descobriu o que era isso muita coisa que de repente há dois três anos atrás ah eu também achava que era certo e a gente continua descobrindo mas tem muita gente que que é tem muito ego e aí eles começam a escrever os livros como se sempre soubessem sempre foi assim e dando meio que eles ficam meio que donos da verdade só que a gente sabe que não existe esse dono da verdade eu já li uns dois ou três livros que eu comecei a ler e ah porque toda vez é assim? Porque que o cara não conta a real ou então pelo menos se preocupa em contar a SUA história porque aí não tem como eu falar que tá errado

Pesquisadora- Aham

Frank Ejara - Aí quando você começa a falar sobre a dança como chegou aqui e como que se desenvolveu e como que é lá fora as vezes aí eu me irrita porque tem muita coisa errada e aí eu fico exatamente com medo porque um livro pode virar referência as pessoas usarem pra fazer algum tipo de arquivo e virar verdade

Pesquisadora- Mas é isso que acontece sim, eu usei muito como referência pra saber o que estava certo o que tava errado do que eu pesquisava, porque tem um artigo que tem uma entrevista com você já, com você e acho que com o Nelson Triunfo também são duas entrevistas então a partir dali eu conseguia saber o que o que era certo o que não tava porque eu comprei livros também e eu não sabia eu não tinha certeza do que eu tava lendo se era realmente aquilo que aconteceu, então eu sempre tinha, eu sempre ficava perguntando pro pessoal lá de Bauru, perguntava pra Fran, Fran você sabe um pouco, me ajuda ó, eu não sei, eu não tenho certeza do que eu posso filtrar do que eu to lendo, entendeu? Eu falei muito com ela e com o Bila também porque ele também conhece um pouco né, porque senão eu também não tinha nem da onde começar, a primeira parte do meu trabalho é essa, é contar o que é.

Frank Ejara- aham... Complicado.

Pesquisadora- certo.

Frank Ejara- e o mais louco de tudo isso que... Que eu não vejo uma solução sabe?

Entrevista 3 – André Bomfim (Jaspion)

Jaspion – Primeira pergunta: Qual foi seu primeiro contato com a dança?

Meu pai dançava, então foi um negócio quase que natural, meu pai dançava disco lá na década de 70 participava de competição e tudo mais, dançava DANÇA né, o Rockabilly, rock'n roll dos anos 50, então eu cresci vendo o meu pai dançar, então ah, lá com os meus... Criança ainda eu comecei a ver, mas eu não imitava ainda, só desenvolvia assim, o interesse em passar a dança, a utilizar a dança com o meu próprio corpo lá com... nove, dez anos né, que mas basicamente o meu primeiro contato com a dança foi com o meu pai, meu segundo contato foi com os meninos da minha rua. Ham, a primeira pergunta é isso.

Jaspion – Segunda: como... Ah não é uma pergunta só, subdividida (risos) Como você começou a prática de danças urbanas? Eu venho de uma época, eu não sou tão velho,

eu não sou nem próximo da primeira geração das danças urbanas no Brasil, só que eu quando criança eu tive um, que eu acho um privilégio de morar, de crescer numa rua em que cem por cento dos meninos tentavam dançar breaking, a gente fazia Power move, a gente tinha sei lá vinte moleques na mesma rua, todos os vinte faziam achavam que estavam dançando breaking, mas todo mundo fazia moinho, todo mundo fazia flaire, todo mundo fazia red spin, e na escola na hora do recreio era exatamente a mesma coisa, a gente treinava na rua... das da geração que arrastou o papelão pra treinar na rua, sabe? Eh foi assim que começou né, então eu comecei dentro dos elementos do breaking, mais especificamente dos Power moves, não conhecia dança, não, a dança propriamente dita do breaking, eu não conhecia, a gente começou só com Power moves e imitando o robzinho, Michael Jackson, todas essas coisas que quase todo mundo imitou, né... Ah a respeito de quais foram as influências, meu pai, Michael Jackson, John Travolta, Elvis Presley, num primeiro momento, né? Num segundo momento quando eu comecei a ter um contato maior né, eram os meninos que eu via dançando e que eram infinitamente melhores do que eu nos Power moves principalmente né, tinha um grupo franco que começou lá na década de oitenta que chamava Power Break, que é o grupo do meu bairro, e daí com o aprofundamento né, essas influências foram se aprimorando, até a gente chegar nos criadores e nos pioneiros dos estilos que a gente faz e nos novos dançarinos que desempenham com muita habilidade os estilos que a gente faz né, daí passa por Freddy Asterdy , Kelly, Boogaloo Sam, Poppin Pete, Waacky, Walidy, os The Lockers todos, né, e por aí vai , Frank, Bidu, Flip, enfim é todo mundo que convive comigo e que não convive tão proximamente mas que teve uma influência na criação da dança, na criação e no desenvolvimento da dança porque eu vejo essa questão da influência como aquelas pessoas que sem elas eu não estaria, então por isso que tipo Boogaloo Sam se não existisse ele e o Poppin Pete e essas pessoas que difundiram antes de mim, eu não dançaria, conseqüentemente eu não conheceria minha esposa, conseqüentemente eu não teria os meus filhos, então eu trago um encadeamento de coisas bem maior do que a dança pura e simplesmente.

Jaspion – Segunda pergunta: O que você pode me dizer a respeito da história das danças urbanas no Brasil? Aqui recentemente teve, não sei se você acompanhou, teve o marco zero do hip hop né, que tá mais ou menos vinculado com a questão das danças, mas o, a história das danças no Brasil ela começou igualzinho em todas as cidades, seja São Paulo, seja uma cidadezinha de sei lá cinquenta mil habitantes, porque o pontapé inicial aqui né... Num primeiro momento foram as soul dances né, e as danças do original funk, o povo viu o James Brown e a negada toda no Soul Train, quem tinha acesso e dançava nos bailes blacks, então não foi pontual, é uma coisa que aconteceu aqui, aconteceu no Rio, BH, enfim, e... Adentrando já ao campo das danças urbanas mais propriamente falando, o primeiro contato do Brasil inteiro né, com as danças, o Frank deve ter falado, são os filmes né, o Beat Street, o Wild Style, o Flash Dance, né, então todo mundo meio que viu junto esses filmes numa mesma época, então na minha cidade, na cidade que eu cresci que é Franca, até a década de noventa os b.boys que me inspiraram e que eu vi e com quem eu aprendi nunca nem tinham ouvido falar em São Bento por exemplo, nem em Back Spin, nem nada disso então cresceu-se a dança lá e em várias outras cidades independentemente né dos pioneiros das outras cidades por exemplo São Paulo, porque o primeiro estímulo foram os filmes entendeu? O meu não foi né, mas dessa primeira geração foi... Então o cada dança tem uma história diferente né, assim se a gente fosse conversar de cada uma delas a gente ia longe, os estilos que eu estudo mais especificamente que são Funkstyles né, mais particularmente ainda Locking, Popping e Boogaloo né, todos são da costa Oeste ah.. O Popping dentro da minha visão e Boogaloo surgiram em Fresno com o Boogaloo Sam, apesar de que há um negócio controverso tem muita gente que não considera que isso é o correto, tem Okland Boogaloo, tem AB Area, tem várias histórias que contradizem o que é pregado pelos Electric Boogaloos, pode ser que eu mude de ideia, mas até onde eu cheguei né, a primeira imagem, o primeiro relato que eu tenho em vídeo de alguém dançando o que eu considero popping, locking e boogaloo, Boogaloo Sam com popping e boogaloo ah, Dom Campbell com locking pacífico né, daí a história do locking acho que o Frank deve ter contado... Não? Ah... Bom então vamo por parte. O locking surgiu antes do popping. O locking, o primeiro registro dele foi 1969, Dom Campbell ele tinha um jeito muito peculiar de dançar as social dances, as danças

sociais da época, então ele quando ele executada o funk penguin, funk chicken e o funk robot, ele fazia de um jeito que só ele sabia, né, então como só ele fazia daquele jeito e como ele fazia uma pausa muito acentuada, muito marcada né, o pessoal e ele mesmo começaram a chamar aquela dança de lock, não por trancar mas pelo freezy, pela pausa mesmo acentuada que ele usava nos movimentos dele, então o povo brinca diz que ele criou uma dança dançando outra dança de uma forma errada né, e acaba sendo verdade, e acaba sendo por isso que ele fala que locking é freedom of movement, liberdade de movimento, porque como ele é o criador, ele tava fazendo o que ele queria né, ele criou-se aí um padrão de movimentação, um padrão estético de movimentação diferente que acabou originando uma outra dança e que teve uma série de contribuições, de dezenas de outros dançarinos que foram cada um adicionando um elemento diferente que acabaram que acabou formando o que a gente considera como as bases do locking né, o Scooby Doo, Sketer Rabbits, Scubats, ah, vários vários passos criados cada um por uma pessoa, além das danças sociais que influenciaram muito o locking, isso tudo em Los Angeles né, a dança em si começou num... Numa boate que chamava Mavericks Club né? Que é uma boate de Los Angeles, que os negros e outras outras raças se reuniam pra dançar locking, o primeiro cara que passou a estudar Don Campbell vendo que ele tava fazendo alguma coisa de diferente foi o Scooby Doo, então a gente fala que o primeiro locker que aprendeu o locking foi o Scooby Doo né, diferentemente do Don que tudo que ele fazia já era locking, por si só porque o estilo natural dele dançar é o que se tornou locking depois... O popping veio depois né, ah, três quatro anos depois influenciado fortemente pelo locking. Frank um dia disse que é até difícil a gente ver bons poppers que não dançam locking né, tem exceções mais eu concordo com essa visão por ser um funk style, pro popping e boogaloo não serem o robozinho, que o povo acha que é robozinho, ou o povo acha que o Electric Boogie que é um outro estilo parecido mas que tem um outro padrão e é de Nova Iorque né, o popping foi grandemente influenciado tanto que no início né, o Electric Boogaloo ele se chamava Electronic Boogaloo Lockers, você deve ter visto isso já né, porque ele tinha gente que dançava robot, tinha gente que dançava boogaloo e tinha gente que dançava locking né. E segundo conta a história, o Boogaloo Sam tava dançando lá e o termo boogaloo era um termo muito usado por muita gente como uma gíria na época né, e

tinham músicas do James Brown que usavam o termo né, e o, ele dançando em casa lá alegre e feliz, o tio dele se não me engano falou faz esse boogaloo aí de novo... Daí por esse... Por essa expressão que o tio dele usou eles passaram a chamar a dança de boogaloo, e o popping acho que vem da própria contração (estalos) que é o estalo que é dado quando você faz a contração muscular, creio que o nome tenha vindo daí né, o popping já é de uma cidade próxima a Los Angeles que é Fresno, que igualmente se difundiu ah... Pela região de Fresno principalmente porque como eu te falei as outras cidades continuavam dançando seu estilo e que depois passaram a chamar de popping também só que como o Electric Boogaloo teve acesso ao Soul Train, né então foi rede nacional, tipo os Estados Unidos inteiro vendo o Electric Boogaloo dançando e difundiu pro pro estado, pro país inteiro... Ah, segunda sub pergunta da pergunta dois: Como você adquiriu esse conhecimento? ... Eu eu, apesar de eu não ser mais tão novinho né, eu acho que o o... a minha maior fonte de informação foi a internet, por mais que não seja o melhor caminho né, eu conheci o Frank por meio da internet, eu conheci o Bidu por meio da internet, e com eles conhecendo os dois e outros amigos muitas outras informações vieram, mas a a maior fonte de pesquisa de informações foi a internet, ainda é. Por conta de eu falar inglês desde pequeno então a gente conseguia ter acesso aos textos e vídeos em inglês que era, que é ainda a grande dificuldade de quase todo mundo que estuda essas danças, e o filtro que a gente faz das informações que você vê que muito o que é dito principalmente português, se você começa a fazer o cotejo, a comparação com as outras coisas que você vai vendo, você vai filtrando né, então em sei lá dois mil e dois eu escrevi apostilas traduzindo coisas que depois dez anos depois eu me arrependi amargamente que tava tudo errado, a pesquisa foi aprofundando putz, divulguei um monte de coisa errada, e foi assim com o Frank né, e o segundo ponto crucial assim de aquisição de conhecimento é conversa, é conversa e não é nem conversa no formato aula, é conversa tipo, ah vamo lá comer um lanche e você sai sei lá com o Frank, com o Bidu, com os outros pioneiros que eu já tive contato e o cara ta almoçando lá e contando uma história da vida dele de quando ele era jovem, lá em Los Angeles, então você adquire muita coisa, você liga muitos outros pontos na informação como se o quebra cabeça né fica mais completo, então essas conversas que a gente tem com essas pessoas né, eu acho apesar da maior parte que eu sei ter

vindo da internet, eu acho que a melhor das formas é a conversa, muito melhor que internet, uma por que você já tem um filtro prévio, claro depende com quem você conversa, e... Outra porque surge muita coisa que você não vai achar no Google, sabe você não vai achar no Google, e é uma forma excelente. Agora como se deu a propagação de tal estilo acho que eu já respondi né? Tipo, só complementando né, tipo do mesmo jeito que o Electric Boogaloos apareceu no Soul Train, e que outros dançarinos já dançavam em outras cidades mesmo antes do Electric Boogaloos aparecer, o locking... A mola propulsora do locking pro mundo foi o Soul Train, porque vários vários dos The Lockers eram dançarinos da Soul Train gang e se apresentavam no programa, além disso dentro do locking especificamente eles tinham alguém que tinha uma visão empresarial muito boa, que era a Tony Basel, né que a Tony ela era uma bailarina clássica que já tinha todo um conhecimento de empresariado e tudo mais e show bis propriamente falando e ela viu aquilo e falou isso aqui pra ganhar dinheiro vamos estorar no mundo e foi o que fizeram né, difundiram o locking no país todo...

Jaspion – Última subpergunta da pergunta dois: Existe diferença nos estilos das danças urbanas quando foram criadas e hoje em dia? Porque e o que houve? Ham, essa questão da diferença... Se você tá falando da dança propriamente dita ela cada dançarino por si só tem o seu flava né, seu (respiração profunda) seu modo de interpretar, o que une pra gente que tá assistindo né, o que une a... As ideias de forma que a gente consiga identificar que uma pessoa tá dançando breaking né, é um termo que eu uso muito que é o padrão estético de movimentação, você olha o padrão de movimentação da pessoa você entende que aquilo lá é breaking, então cada um dos estilos tem um padrão de movimentação comum, que é comum a todos os dançarinos mesmo que cada dançarino dance diferente com os seus próprios passos baseados ou não em cima dos fundamentos, então acho que desde o início cada dançarino já executava a dança de uma forma diferente por conta do seu estilo próprio, claro que com o ponto comum que é a base nos fundamentos e o mesmo padrão estético de movimentação, agora se a gente for pra questão da política da dança, do ambiente e tudo mais a gente vai longe, porque assim mudou muita coisa né, tipo ah, mas acho que aqui você tá falando especificamente da dança.

Pesquisadora- Isso

Jaspion – que a dança ela segue o mesmo padrão com cada um executando né, com o seu repertório próprio, não vejo diferença, eu vejo a mesma diferença que se via, você vê hoje. Entre os dançarinos já, né.

Jaspion- Terceira pergunta: você considera que as danças urbanas se popularizaram no Brasil? Por quê? Como? Você considera essa popularização importante? Por quê? Eu acredito que sim né, o, acho que não dá pra negar, acho que da década de oitenta pra hoje existe muito mais gente desenvolvendo as danças urbanas né, eu acho que foram vários pontos importantes aqui no como elas se popularizaram né, acho que São Paulo por ser meio que a Meca da cultura hip hop, das danças urbanas no Brasil, teve sim um papel que acho eu o mais importante do país né, estação São Bento e porque como aqui é a maior cidade do país muitas das coisas que aconteciam aqui ganhavam a mídia, ganhavam os jornais e tudo mais, o que não acontecia em cidadezinhas pequenas, então lá na década de oitenta né, a primeira forma de popularização como eu já te falei foram os filmes, daí os próprios encontros que foram sendo desenvolvidos pela inspiração que a molecada tinham nos filmes passaram a chamar a atenção das pessoas e acabou gerando uma maior popularização também, isso a gente falando de breaking, protótipo de popping que não era popping, que era aquele electric boogie, o robozinho, break aéreo, enfim, aqueles vários nomes que o pessoal usava, e tem um outro ponto que eu considero importante apesar de eu não gostar, que é quando a dança de rua do Brasil começou a aparecer na televisão direto e eu assistia e achava legal né, mal sabia né que aquilo lá na verdade era meio que um tipo o pé, de acordo com o meu ponto de vista, mas levou despertou interesse em muita gente, então eu considero que foi uma das formas de popularização de uma coisa que na verdade aquilo não era dança urbana ainda de acordo com a minha concepção porque você tinha uma coreografia que não seguia o padrão de movimentação de nenhuma das danças urbanas, era uma coreografia de cheerleaders, não dá nem pra falar que é Street jazz, que o povo tem gente que fala que é, então era uma coreografia de

qualquer jeito, do jeito que o cara queria, ele colocava o cara atravessando o palco virando mortal e o outro fazendo moinho no meio, então era dança de rua porque tem um cara fazendo mortal e outro fazendo moinho...

Pesquisadora - e eles fizeram muito sucesso!

Jaspion – muito sucesso, viraram enfim referência o cara virou jurado do festival de Joinville

Pesquisadora – uhum

Jaspion – por vários anos, o que pra mim não quer dizer muita coisa. É enfim, mas foi uma forma de popularização que depois levou muita gente a ter o interesse, mas apesar disso acho que gerou um estrago maior que benefício, porque muita gente ficou por mais de uma década achando que aquilo lá era dança de rua e e e tudo mais e não era, de acordo com a minha visão claro né, terceiro momento surgimento das competições que começaram a dar uma certa liga nas danças urbanas né, o surgimento dos festivais que eu não gosto deles, mas eles ajudaram em algumas coisas... Ah, esses festivais propriamente falando ainda hoje né a maioria são festivais que eu chamo de caça níquel, que não tem comprometimento nenhum de fato com as danças, é molecada geralmente pré-adolescente que se engajou numa academia vai ficar ali dançando até os dezessete dezoito anos que é quando ele vai fazer faculdade, vai esquecer tudo, então conseqüentemente segue a lógica de mercado né então você tem festivais pra um número muito grande de pessoas que vão fazer uma aula, aprendem uma coreografia, vão embora, não aprendem dançar de fato aquela dança que dança nenhuma você aprende em uma aula né, e...

Pesquisadora – Além do preço que você paga pra dançar nesses festivais.

Jaspion – é além do preço que você PAGA pra dançar, o que pra mim já vai contra o espírito primeiro da dança de rua que era...

Pesquisadora – bastante viu

Jaspion – Você coloca música e dança né, tipo o ponto numero assim se a gente fosse ver as características em comum das danças urbanas né, acho que o ponto mais importante de todas elas né, a questão do improviso, num festival você não aprende a improvisar, você aprende coreografia, às vezes você aprende técnicas e tal, mas o formato que se estabeleceu no mundo é coreografias né, então como que uma pessoa que só sabe repetir uma coreografia é um Street dancer? É um dançarino de danças urbanas? né, pra mim na se aplica, um cara que não consegue entrar na roda com as músicas do estilo que geralmente são tocadas no estilo que ele dança e dançar, eu não digo dançar bem, mas dançar, ao menos dançar né, pra mim ele não tem que se dizer street dancer, por isso que a grande maioria das academias na minha opinião elas ... Por mais que tenham títulos elas não trabalham o street dance de verdade, elas não tão ensinando pessoas a dançar com a característica número um que é você aprender a improvisar né, você aprender a dançar na roda que é o todo street dance, na minha opinião se o cara não consegue dançar na roda ele não tem nem que se dizer que é street dancer, sabe se ele só repete uma coreografia no festival enfim...

Então esse foi outro momento né competições de breaking e etc, festivais, posteriormente né porque os festivais vieram bem depois de competições que já aconteciam e por último uma renovação dos filmes né, que daí começou a ter You Got Served, um monte de coisas que eu não assisti, não vou assistir, né, mas eu sei que inspirou muita gente que começou, muitos começam imitam filme por um ano sei la para, outros a minoria né cinco por cento vão tentar entender de fato o que são as danças e tudo mais , é uma outra forma de popularização das danças e o You Tube né, acho que por fim, nos últimos sei la dois mil e cinco pra cá que foi quando o You Tube surgiu se eu não me engano, no começo a gente odiava o You Tube, eu não sei se o lvo, ah a gente odiava porque a gente baixava os vídeos a gente conseguia fazer o download dos vídeos e assistir, o You Tube em 2005 ninguém sabia tirar o vídeo do You Tube né, então a gente assistia e ficava puto porque tinha que carregar tudo de novo (risos) e conexão discada...

Pesquisadora - é (risos)

Jaspion – era um trabalho enorme né, então o You Tube chegou tipo daí popularizou de vez pro bem e pro mal, mais pro mal do que pro bem, porque é senso comum que a desinformação sempre caminha mais rápido do que a informação então...

Pesquisadora - você vê o tanto de coisa ruim que tem né?

Jaspion – Não, o... Então enquanto você tem cem pessoas assistindo You Tube você vai ter cinco que vão tentar entender o que se passa, e passar a informação pra frente de uma forma decente, e vai ter noventa e cinco que vai ta deturpando, explicando as coisas de uma maneira torta né, mas na física entropia né que o mundo caminha pro estágio de maior desordem, então é isso. É irreversível mais tudo bem...

Jaspion - Street dance, dança de rua ou danças urbanas? Eu uso os três termos sabe? Ah... Pelo seguinte motivo, todos eles designam a mesma realidade fática, então a gente ta variando nomes pra uma mesma coisa, cada um tem um motivo pra escolher um desses termos específicos, se você falar com o Frank ele vai te dar o porquê que ele prefere danças urbanas, concordo desse porque né, só que eu particularmente eu uso os três, o que eu uso menos é dança de rua né, eu uso os três porque quando surgiu esse termo danças urbanas se não me engano foi o Storm que começou né, ele dizia que ele dizia baseado em americanos inclusive, acho que o mr. Wiggles, então ele falava a gente na verdade a gente não dança na rua a gente dançava nos clubs né, dançavam nos clubs, nas festas, não na rua, não tem porque chamar dança de rua né, ah faz sentido né então eu passei um tempo só usando dança urbanas, eu uso muito hoje ainda só que por outro lado é um negócio que apesar de não ter sido criado na rua né, tanto nos Estados Unidos década de oitenta a gente vê batalhas assim memoráveis acontecendo na rua, nas praças, Rocksteady Crew contra acho que a Dinasty Rockers, várias outras a gente vê imagens clássicas da Martha Cooper, do Henry Chophan, de b.boys, criançada arrastando papelão pra dançar na rua, então apesar de não ter sido originariamente da rua né, eu acho que é um termo que se aplica muito bem porque

passou a ser desenvolvido por muitas pessoas na rua, inclusive na minha rua né, então eu não tenho problema com street dance, é que esse termo ele gera um certo... Asco né no pessoal do teatro e tudo mais que não vê bem também então até por uma questão quase mercadológica muita gente prefere danças urbanas porque é mais fácil de você chegar no teatro, chegar no... Em pessoas de outros estilos né, como eu não preciso chegar em pessoas de estilo nenhum porque... eh.. Eu tenho né minha forma de sobrevivência distinta disso daqui, eu gosto dos dois termos dança de rua, dança urbana, street dance né e não vejo como não vejo que haja diferença nenhuma, o que pode ser que algumas pessoas consideram como diferença é que... Você tem que idade? Desculpa

Pesquisadora – vinte e um

Jaspion – vinte e um, então você deve ter visto isso, eu acho. O, quando o pessoal começou a se tocar que o Dança de Rua do Brasil não era street dance, que existia um outro negócio, daí eles começaram a se guiar por cliques e tudo mais e que era um outro padrão de movimentação né começaram a correr atrás né e foram descobrir Elite Force né, o Hip hop Freestyle, da forma que era feita nos Estados Unidos né, inclusive tem uma história curiosa que é o Buddha Stretch né, você conhece imagino, ele quem apresentou o Buddha Stretch pro Guiu que você deve conhecer também.

Pesquisadora – Sim

Jaspion – Foi o Bidu, porque o Buddha Stretch participava dos fóruns que a gente participava no site do Mr. Wiggles, era o maior portal de conhecimento sobre dança de rua no mundo, hoje acho que tiraram do ar, é uma pena, porque se você pegasse pra ler tudo que tem lá você ia ver Poppin Pete, Suga Pop, Buddha Stretch todo mundo comentando e quebrando o pau e você aprendendo ali, assistindo e aprendendo, então o Bidu apresentou se não me falha a memória o Buddha Stretch pro Guiu e daí que começaram de fato a correr atrás da ideia de que existe um outro estilo, que assemelha-se ao que a gente faz e tem seus fundamentos lá, as danças sociais e tudo mais, isso

daí se não me engano é dois mil e dois dois mil e... Dois mil e um dois mil e dois dois mil e três por aí, foi quando começaram a se tocar que existia um outro estilo né e quando foram descobrindo que existia um outro estilo foram procurar descobriram o nome que não é pacífico também, o Henrique falou né do Rap Dance provavelmente com você, do hip hop Freestyle né muita gente passou a usar o termo correto, passou a estudar as danças sociais e os fundamentos do hip hop Freestyle e muita gente sem estudar nada disso que fazia o tchum tchum tcha do dança de rua do Brasil passou a se dizer que tava dançando hip hop Freestyle também, daí ferrou grandemente o hip hop Freestyle né, porque você pega duas danças totalmente diferentes e passa a chamar de hip hop Freestyle também, .eu acho ACHO não tenho certeza porque não é o mundo que eu vivo dentro dele acho que dentro desse mundo que passou a ter um certo atrito por conta de pessoas fazendo coisas diferentes e usando o mesmo termo, retomaram então o termo street dance ou dança de rua que era o termo que o dança de rua do Brasil usava pra chamar aquilo que eles faziam que não era dança de rua, não era street dance, não era urban dance, era o estilo lá do Marcelo Cirino né, então muitas muitas academias até hoje principalmente os outros estados, principalmente em cidades pequenas elas usam o termo street dance ou dança de rua pra designar o estilo que é faz qualquer coisa aí, sabe? Que ao existe um padrão de movimentação, se você fizer tchu tchu tchu HÁ, é eles vão chamar de street dance por que? Porque eles não sabem da existência do hip hop Freestyle, os criadores, os fundamentos e tudo mais, eles não sabem que o breaking tem dezenas e dezenas de passos fundamentais, o popping a mesma coisa, o locking, então geralmente o termo street dance, dança de rua ele costuma ser mais usado principalmente por academias pequenas de cidades pequenas ou não tão pequenas, de pessoas menos informadas sobre as coisas entendeu? Então esse é um dos outros motivos que leva as pessoas a ter um problema com o termo, por conta disso eu não gosto também, mas como é um termo que a gente já usa, já usava antes de ser isso de ser esse estilo do Marcelo Cirino e tudo mais, então eu sigo usando sem problema nenhum o que a gente dança na rua até hoje, então não vejo problema nenhum...

Jaspion – ahm, acho que a gente terminou né?

Pesquisadora – Sim!

Entrevista 4 – Ivo Alcântara

Ivo – Ivo Alcântara 34 anos São Paulo, representando Chemical Funk e Sampa Cinza City.

Meu primeiro contato com a prática das danças urbanas foi no ano de mil novecentos e noventa e dois eh onde eu residi em um bairro chamado Jardim Brasil e tive contato com as festas de rua, na época eram chamadas de quermesses, era lá onde eu via os primeiros coletivos, os primeiros eh grupos, dançarinos, dançando os famosos passinhos, com herança do soul e do funk, eh desde então segui minha busca por conta da curiosidade que eu tinha em saber a diferença entre os estilos, na televisão a gente via Michael Jackson, Dança de Rua do Brasil, competições do programa do Raul Gil, Xuxa, na minha na escola onde eu estudava a galera dançava o breaking...

Minhas influências naquela época eram os videoclipes, eram os próprios dançarinos que residiam ali no meu bairro, eh das casas noturnas das quais eu frequentei eh as pessoas que passaram pelos grupos de bairro do qual eu fiz parte, e claro, Michael Jackson né como todo dançarino da década de oitenta e noventa eh se inspiravam né?

...

Atualmente as minhas influências são diversas, costumo dizer que o meu os dançarinos né do Chemical Funk, os dançarinos dos quais a gente pratica junto são as minhas maiores referências, mas eu não posso deixar de ressaltar as pessoas que contribuíram pra minha formação delas eu cito alguns nomes, não dá pra citar todos, eh Edson Guiu, Frank Ejara, eh Clayton Alves mais conhecido como Caju, professora Rosaira que foi a primeira pessoa que me orientou no sentido de eh com leitura né e contagem musical, atualmente também eu posso destacar eh ... Até mesmo pelo trabalho que eu desenvolvo a companhia Discípulos do Ritmo, eh o próprio grupo Chemical Funk, eh Companhia Kahal, e alguns grupos que tem desenvolvido um trabalho bem bacana no sentido de pesquisa né, grupos (não entendi) D-Efeitos também enfim...

Sobre a história das danças urbanas no Brasil eu posso citar que desde oitenta e três desde oitenta e quatro, quando a dança no Brasil chegou né, a dança urbana... Aquele movimento era febre e não tinha acho que um jovem se quer que não tentou praticar ou fazer parte desse movimento né, desde então ele passou por diversas mudanças, posso dizer até mesmo evolução, porque tendo em vista que no início a gente só reproduzia movimentos que a gente via a partir de VHS e fitas né fitas VHS, cinema, até mesmo imagens de revista né que na época saiam algumas revistas com reportagem sobre a febre do break dance, então passou por um processo de adaptação, alguns estilos ou melhor dizendo né, a dança ela foi sendo adaptada, inspirada em práticas do fitness, a capoeira e artes marciais, né no sentido de ser passada adiante, então os primeiros formatos de aula foram inspirados nisso né, a gente pode ressaltar o Cardio Funk, que talvez tenha sido a referência maior na formatação de uma aula de dança urbana, onde a galera mesclava a prática da ginástica com movimentos da dança de rua vindos dos Estados Unidos, então atualmente a gente tem um formato diferenciado né das nossas práticas a onde o dançarino ele não se limita só as bases, não se limita só ao contexto histórico, ele reflete sobre aquele movimento, ele reflete sobre o que ele quer passar através de um trabalho artístico, então isso enriqueceu bastante na questão da improvisação e criação de coreografias né...

Eu posso falar também eh dos estilos dos quais talvez eu tenha a especialidade, quem sou eu pra FALAR que eu sou especialista, mas eu posso citar duas danças: a primeira né de coração que foi o primeiro estilo de dança que eu tive contato que é até um nome engraçado mas a dança é batizada de lagartixa, só pra contextualizar um pouquinho, o lagartixa ele surgiu em oitenta e quatro, a partir da música rap aqui do Brasil né que seguiu a influência da, sempre né?, dos Estados Unidos, os primeiros rappers daqui né do Brasil, eles faziam versões das músicas norte americanas e até mesmo esse nome lagartixa vem de uma paródia que o N de Naldinho né, um rapper bem famoso aqui de São Paulo ele fez de uma música do Chubb Rocky chamada DJ Innovator, no qual o refrão repete-se a frase: *I am a Dj innovator, I am a D, I am a D, I am a Dj innovator*, N de Naldinho pegou essa música e fez uma versão contando a história de uma menina que é muito grudenta bem, bem interessada e o refrão que até então era I

am a DJ Innovator, se tornou a lagartixa na parede, desde então a dança né o passinho que era feito na dança rap desde oitenta e quatro em São Paulo, em noventa e um noventa e dois eh ganhou esse apelido de lagartixa, foi a primeira dança foi o meu primeiro contato real né assim com algum tipo de cultura urbana, desde então não parei de dançar esse estilo, o auge desse movimento foi a década de noventa sem dúvida, a onde as músicas internacionais eh do rap chegaram em São Paulo...

Esse estilo de dança ele ele é bem popular foi bem popular né, pelo menos nesse auge de noventa eh nos bailes Black de São Paulo e ai o que acontecia eh os dançarinos se reuniam formavam coletivos e iam pro final de semana no baile preparavam a melhor coreografia e competiam uns com os outros, participei bastante desse movimento e faço votos que a gente consiga de certa forma eh fazer com que se torne um patrimônio né aqui de São Paulo algo bem... (suspiro) bem como eu posso dizer? Bem cuidado né a história de tudo isso, eh porque se a gente for parar pra pensar todos os estilos de danças urbanas passaram pelo mesmo processo , desde o surgimento né a febre do movimento a queda desse estilo porque tem sempre a mudança né de tendências a dança sempre some e depois volta mais forte, não foi diferente com locking, popping, breaking, então com a dança lagartixa, a gente tem esse cuidado, eu por ter participado dessa geração noventa, atualmente eu tenho um projeto chamado Sampa Cinza City, e a gente tem o interesse de resgatar e registrar as memórias dessa dança urbana paulistana, a dança vou falar um pouquinho desse estilo, a dança não é tão difícil, os passos são simples, tem herança do funk, do soul, e de uma outra dança urbana, ou melhor, de uma outra dança aqui de São Paulo chamada Samba Rock, aprendi com a galera da rua mesmo eh e eu pensando assim ne, pensar assim em relação a propagação desse desse estilo era inevitável porque todo mundo que ia pro baile na década de noventa ou conhecia ou sabia dançar esse passo...

Falar um pouquinho da diferença né, entre o lagartixa em relação aos outros estilos de dança urbana né, norte americanas... O lagartixa ele é uma dança que se populariza né na nos bailes porém cada grupo cada coletivo trazia a sua contribuição então algumas pessoas se inspiravam em Michael Jackson, outras em Vanilla Ice, outras em Public Enemy, Whodiny, entre outros até mesmo no Snap e no Mc Hammer, que eram cantores que traziam nos seus videoclipes o a sempre uma dupla ou um

grupo de dançarinos eh ilustrando a música deles e tal,oh falar da propagação também vale citar o porque que a gente fala que o lagartixa é uma dança paulista né, uma dança paulistana, pode ter chegado em Ribeirão Preto um pouquinho, em Santos, um pouquinho no Rio de Janeiro, e até mesmo em Minas por conta dos da força do movimento rap nessa época, então muita gente vinha pra São Paulo e muitos desses rappers iam pra esses outros estados, outras cidades, e também sempre levavam os dançarinos né, então creio que influenciou uma outra galera de outra cidade mas a questão, a dança mesmo era forte em São Paulo, diferente dos outros estilos de dança urbana eh alguns desses estilos a gente sabe quem foi o pioneiro, a gente sabe que existe uma nomenclatura, existe toda aquela questão da fundamentação, base, códigos, estética da dança, o lagartixa por eu ter vivido isso, eu sei que tem base, eu sei que tem a questão da estética, a questão do estilo, mas não dá pra apontar uma pessoa como pioneira ou como difusora criadora desse estilo, é um movimento de todos, é um movimento da juventude daquela época então pra apontar um pioneiro fica difícil...

Bom, falar em relação a Brasil né, numa questão mais ampla, eu acho sim que as danças urbanas ela foi é e sempre será popularizada no Brasil, o movimento é jovem independente dele ter surgido no final da década de sessenta, ele sempre ele trás a possibilidade da do jovem se encontrar por conta da questão musical, a questão de ser algo que aproxime né você de um ciclo de amizade enfim e a dança vai ta sempre presente e a música vai ta sempre presente acho que na vida de qualquer jovem, então eu creio que ela não vá parar por aí né, e por isso que ela foi difundida e popularizada no Brasil, eu acho que é importante sim a popularização disso porque a gente sabe existem outros estilos de dança, existem outros tipos de música, mas se tratando de músicas com esse caráter urbano né, uma raiz funk, uma raiz soul, e até mesmo do hip hop, eu acho que é importante ter algo com no qual os jovens né as pessoas que curtem esse tipo de música elas tenham como se expressar, tenham como se relacionar com as outras a partir do movimento corporal, é complexa a questão do porque esse termo, dança urbana, ou street dance , dança de rua, essa foi a mesma pergunta que eu me fiz na década de noventa, então foi o que me motivou eh a estudar, a procurar um pouquinho da história de tudo isso, foi como eu falei, na rua o pessoal

chamava ou de passinho ou de lagartixa, na televisão era dança de rua do Brasil, ou até mesmo a questão do Michael né que trazia uma linguagem urbana mas mesclada com outro alguma outra coisa que eu não sabia...então essa eu me fiz...(pausa) (vários assovios) ...também ta dormindo, desculpa, vamo retoma.

Street dance, dança de rua ou danças urbanas essa foi a questão também que me pegou na década de noventa, era muito diferente na escola onde eu estudava os meninos rolavam no chão, tinham agasalhos listrados, na rua a galera usava calça jeans camisa xadrez e chamava a dança de lagartixa, Michael tinha um estilo próprio, aparecia na televisão dançando e os nomes dos termos que eu escutava na época era Cardio Funk, Funk, Hip Hop, Rap, Dança de Rua, Street Dance, isso gerou uma certa confusão, mas foi o que me motivou, e quando eu fui procurar saber a diferença entre tudo isso só depois de talvez deixa eu ver de noventa e dois talvez depois de nove anos eu encontrei uma pessoa né que falou pra mim " olha você dança legal cara, só que sua dança é um pouco bagunçada" e o argumento que essa pessoa utilizou foi que usava bases de várias danças pra executar uma coisa só e aí foi aí que esse cara o Rockmaster André , o André Pires, ele falou que existiam diferentes estilos de dança, diferentes tipos de contextualização e que esses estilos cada um surgiu em um determinado período de época, tinha seu comportamento, e só aí que eu fui entender a onde eu me situava, mesmo assim eu ainda continuava com esses questionamentos porque a tal da dança lagartixa não se encaixava em nada daquilo que tinham me ensinado, e continuei praticando ela, e aí só depois de sei lá só no meados ali de dois mil e quatro dois mil e cinco a onde a gente tinha dúvida o que era hip hop, hip hop Freestyle, New style, New School, Old School, (suspiro) a gente parou pra refletir né sobre sobre tudo isso,e aí a gente gente chega a uma possível né não vou falar que essa é a mais correta das definições mas a gente pode citar que street dance foi um rótulo que foi criado pra reunir uma gama de estilos né que surgiram em Nova Iorque e também em Los Angeles, então dentro dessa desse termo street dance advindo de filmes né a própria mídia rotulou que eram danças que tinham um caráter urbano que elas vinham da rua né, no sentido que eh quando a gente fala rua não quer dizer que a gente só dançava na rua mas que não era algo acadêmico você não ia encontrar uma aula dentro de uma academia, então talvez esse rótulo naquele momento foi pertinente,

quando chegou ao Brasil ele chegou de uma forma traduzida e pra nós né, a gente pensa que de uma forma errônea porque quando a gente utiliza o termo rua aqui no Brasil, ele vem com um caráter pejorativo e carregado cheio de preconceitos né diferente da tradução literal nos Estados Unidos, Street lá quer dizer urbano e aqui rua quer dizer rua, então creio eu uma história que o Frank me contou o porque que esse termo danças urbanas é utilizado aqui no Brasil... eh até mesmo por ser uma dança que não venha de academia eh ela teve que se encontrar através dos campeonatos, através das competições de eventos grandes até mesmo o próprio passo de arte em Indaiatuba, o festival de Joinville né que sempre foram considerados grandes dentro desse meio competitivo então era difícil chegar com esse termo dança de rua, então um dançarino alemão chamado Storm Robitzky criou um termo na Alemanha eh chamado Urban Tanz, e o Frank por ser bem amigo desse desse dançarino trabalhou bastante desenvolveram espetáculos juntos procurou tudo todos o projetos tudo que ele nomeava como street dance ou dança de rua ele trocou por danças urbanas e ai pensando dessa forma talvez esse termo danças urbanas ele seja mais coerente né? Pelo menos até a a é o que a gente pensa né, seja mais coerente pra classificar esses estilos que tenham um caráter né que não venha de uma academia, eh pra mim ou pra todo mundo que faz parte desse dessa cena é sempre complexo a gente chegar a essa explicação, é um pouco desgastante, porque tem pessoas que discordam né da questão da tradução desse termo e de certa forma eu até acho interessante porque se cada estilo tem seu próprio nome porque que eu vou classificar com um termo como este? Mas eu acho isso é uma coisa que assim como várias situações dentro da dança urbana né vem se transformando, vem se adequando, até mesmo por ser um movimento novo né que ta em constante modificação, constante evolução eu acho que vai chegar um momento que a gente vai chamar cada estilo ou melhor eh eu já utilizo isso quando uma pessoa me pergunta o que você faz eu falo que eu danço locking eu sou um locker, enfim e eu acho que isso é uma questão de tempo o Brasil tem muito, e não só o Brasil como o cenário mundial assim desse movimento ele tem muito a se organizar então talvez por isso que a gente é responsável por organizar ações que falem sobre isso né que discutam essa situação mas a evolução continua, o movimento continua, e eu acho que tudo é uma questão de tempo... acho que deu né?

Pesquisadora - certo?

Ivo – certo

Pesquisadora – certinho é isso mesmo

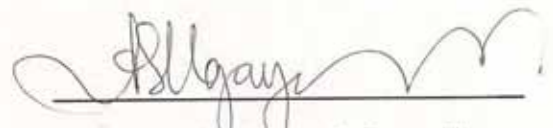
Ivo – então eu fui traçando ai e tal, não falei do locking, mas falei do lagartixa, mas acho que já contempla tal

Pesquisadora – sim!

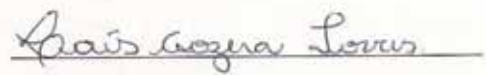
Ivo – de boa!

Pesquisadora – certinho, muito obrigada!!

Ivo – eu que agradeço, mó correria.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'A. Ugaya', written over a horizontal line.

Profª Drª Andresa de Souza Ugaya

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Laís Crozera Torres', written over a horizontal line.

Laís Crozera Torres